

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

 Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25

 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O nosso presago coração de chronista nos bacorejava alguma coisa no ar, quando, ha quinze dias, sentiamos emanações estranhas na atmospheria politica.

Não previramos que a colligação desandasse em complicação, ao nascedouro, acompanhada pelos dons das fadas prestigiosas, sob cujos auspícios venturosos ella saíu das entranhas da opinião rebellada contra o Cattete, num puxo de energias que pareciam extenuadas á degeneradora acção do *engrossococcus*; não previramos que se transformasse o offercimento do banquete ao sr. Affonso Penna, em ensejo para se propinar ao sr. Ruy Barbosa, o extraordinario padrinho da colligação, uma dóse macissa de veneno para o forçar ao abandono da obra tão brilhantemente iniciada; não previramos, enfim, o attentado contra a vida do sr. José Marcelino, essa tentativa de eliminação de um homem honesto e bom, em cujo activo politico se não encontram justificativas para o recurso extremo, violento e barbaro, ao processo de cobardia, executado pela garrucha de um sicario inconsciente.

Não previramos essas surpresas, mas a verdade é que as nossas fôssas se impressionaram com um repugnante cheiro de *sanguie real*, cheiro de desastre, emanações mephyticas de algum corpo em decomposição, um cheiro de cemiterio, de aniquilamento imminente.

E' que estamos deante de um organismo doente, perturbado até aos mais intimos recessos, deante de homens de Estado, de porta-bandeiras de grupos de todas as côres, de todas as crenças, composto de creaturas desorientadas, voltadas para o irresistivel pólo do poder, reeditando a gente da visão do divino poeta — *Genti dolorose che hanno perduto il ben dell'intelleto...* possuindo todos, na phrase de um psy-

chiatrista sul americano, como caracter commum, a mesma exaltação furiosa, a superexcitação continua, a actividade febril, o automatismo do pensamento, o tetano da vontade sob o estímulo e a direcção da idéa fixa, a idéa de se agarrarem com unhas e dentes ao cofre das graças, ás posições apanhadas de aventura, num ensejo feliz da fortuna céga.

Ninguém quer ficar por baixo; os que estão em baixo anceiam por treparem; os que estão em cima não se podem consolar á idéa de descerem, de serem privados das delicias do clima paradisiaco das alturas, na visinhança de quem dá e se parece com Deus.

E como não ha remedio para essa situação, como não ha forças humanas bastante vigorosas para resistirem a onda da unanimidade esmagadora, asphyxiante, para a qual não ha diques de idéas, todas as correntes de opinião tendem para o mesmo sulco profundo, cavado no terreno arido da politicagem, perdendo a sua pureza primitiva, os seus característicos especiaes, para se confundirem na caudal de lôdo e lama desbordante de um pantano.

Na colligação ha personagem de traço definido, luctadores indomaveis, homens de rija tempera, sinceros, convencidos, patriotas; esses, porém, se atolam paralyzados no amalgama monstruoso de elementos ruins, de exploradores, de *genti dolorose*, privada do senso moral civico, dos conspiradores da pureza da Republica, de homens cuja sinceridade, cujas convicções, comidas pela manhã, não quebram o jejum.

A selecção dos elementos de victoria é precaução demasiado sentimental: todos os bacamartes serviram para derrocar a olygarchia do Cattete, para arrancar de S. Paulo o privilegio de fornecer presidentes de Republica ou para excluir a influencia presidencial da escolha do successor; mas essa utilidade, angariada

a dente de cachorro, em circunstancias de aperto, produziu, como era infalivel, uma situação de solução difficil depois do triumpho.

O mastro de cocagne, fincado no meio do tremedal, teve adherencias perigosas, incrustações que, de elementos occasionaes, se tornaram definitivos, crustaceos que, na sua voracidade parasitaria, proliferarão formando uma casca ameaçadora de difficuldades insuperaveis que darão suores frios ao topete de madeixas anneladas do general em chefe da colligação, porque essas ostras só deixarão o páu a golpes do sr. Pinheiro Machado. As legiões hecterogeneas aliadas para uma campanha facilmente ferida e vencida, não regressarão aos seus arraiaes, ás suas bandeiras depois da victoria que tem delicias incomparaveis e deve ser uma recompensa permanente para a mór parte dos colligados.

O saneamento moral da Republica não passará de uma esperança feneçida, uma promessa timida que o vento arrebatou e, conforme os capitulos da offerta do banquete, tudo ficará nessa deliciosa perfeição do *status quo*: os revisionistas, desilludidos do seu sonho; a fraude eleitoral produzindo os seus effeitos de deturpação do regimen democratico; as olygarchias donatarias de alguns Estados comprimindo a livre expansão dos direitos; a justiça entregue, como um rêlho ignobil, ás unhas aduncas dos satrapas; os principios democraticos, consagrados na Constituição, mutilados ao sabor da ganancia dos dominadores; o producto do imposto engordando as guardas pretorianas e as proles incontentaveis.

Não póde ser outro o feitio de uma Republica arranjada do pé para a mão. Todos os paizes novos passam pela crise dessa lepra, uma especie de empingem da sua infancia. E' perigoso arrancar-lhe as esquirolas, sanear a ferro e fogo a pustula hedionda. De

accordo com as velhas idéas, a sanie que dellas escorre é uma secrecção benéfica, purificadora, e o pús fabricado pelos *engrossococcus* é a mais solida garantia dos tecidos que elles destróem para os reconstruirmos mais vigorosos, mais perfeitos.

A politica aconselhada pelo afortunado feiticeiro, depositario de secretos philtros maravilhosos, é a de deixar o páu correr: a regeneração virá com o tempo; os tratamentos energicos operam curas apparentes, falaciosas que concentram o perigo dos humores recolhidos no amago do organismo para explodirem, mais tarde, em manifestações incuráveis. As opposições impacientes que esperem resignadas ao seu fado cruel, esmagadas sob a canga ignominiosa dos dominadores ineptos. Ellas não fazem mal: são cães amordaçados cujo unico desafogo é ladra-rem á rua, cheirando, por demasiada tolerancia, o osso de esperanças mirradas.

Em outro meio, esse roزاری de idéas denunciaria uma deformação de cerebro morphologicamente mal dotado, visivelmente inferior: entre nós, são lampejos deslumbrantes, faiscas do genio de um estadista que vê claro nos horisontes, um estadista que conhece profundamente o que nós somos, o que nós valemos.

E' de se levantarem mãos desesperadas aos céos e pedir ao Senhor Deus dos desgraçados que nos acuda com a sua intervenção misericordiosa, a menos que se forcem os desenganados ao emprego do processo da circumscrição.

Mas... Deus é pae dos afflictos; inspirará ao seu dilecto filho Affonso Penna repugnancia á offerta; não permitirá que elle propine esses globulos envenenados que, no ventre da colligação, provocariam o aborto do filho esperançoso, apesar dos elementos heterogeneos, da promiscuidade de paes que o engendraram.

* * *

E resta alguma coisa no ar.

Os scepticos, os pessimistas refractarios, os que confiam desconfiando sempre, não estão seguros do bom successo da candidatura do nosso candidato. Causam-lhes certa especie as relações intimas de alguns colligados de duas velas; não atinam porque se rendendo ás forças colligadas, o governo

anda a se desmanchar em amabilidades com alguns chefes, dando-lhes de mão beijada quanto exigem — guarda nacional, juizes e outros instrumentos de supplicio. Deu ao grão duque Accioly um cutello que está, muito constitucionalmente, se amolando na Camara, enquanto não váe occupar o seu honroso logar na guilhotina, e burlou a manifestação do Supremo Tribunal contra o candidato do sr. Rosa e Silva á judicatura federal de Pernambuco.

Este ultimo acto encontrou defensores eximios na difficil tarefa de defender o indefensavel, até o illustre constitucionalista João Barbalho, erguendo-se do seu leito de dôr para apagar com a sua palavra acatada a pessima impressão da remoção do juiz do Espirito Santo, depois do concurso.

O acto foi praticado no exercicio de uma attribuição legal; o governo tinha o direito de remover o alludido juiz para as apraziveis margens do Capibaribe.

— Mas — dirão os adversarios dessa manobra — taes actos valem pela sua psychologia e não pela sua apparencia no caxilho da lei.

Ha poucos dias, nos encantava Medeiros e Albuquerque com a sua historia e psychologia do beijo, que, materialmente, nada vale, mas pôde ser, conforme a sua psychologia, um signal de affecto ou de odio: o beijo de aspecto fraternal pôde ser beijo de judas. Da mesma fórma, uma pancadinha no rosto pôde ser uma cariciosa manifestação de amor, ou uma injuria, conforme a sua psychologia, os intuitos que a determinaram. A remoção do juiz sobre as buchas do concurso, além de ser uma desconsideração ao Supremo Tribunal, foi um meio empregado pelo governo em represalia á exclusão do exotico Figueiredo, aspirante á toga de juiz federal.

Não se deve escurecer que, nesse caso inconcebivel, tem culpa o Supremo Tribunal pela sua complacencia aos desejos da politicagem. Não foi logico, não foi coherente, dando ao commendador Accioly o juiz Studart e recusando ao conselheiro Rosa e Silva o juiz Figueiredo.

Além disso, o governo, habituado ás complacencias, teve razão de se queimar com essa irreverencia, quasi surprehendente, com ares de rebeldia.

Esses e outros factos são, no sentir spenceriano do offertante do banquete, muito naturaes; são accidentes sem importancia na vida dos paizes novos; para nós e para os nossos amigos da colligação, (é o segundo engrossamento feito nesta chronica e os notamos para não passarem despercebidos) elles são signaes dos tempos, signaes ameaçadores de alguma coisa que se trama, ameaça divina ou insidioso segredo, tanto parece extraordinario esse empenho em manter affectuosos laços com inimigos declarados da patriótica colligação (terceiro engrossamento) ou não cortar as ligações com os elementos parasitarios, tão promptos para a adhesão como para a aposthasia, servidores, sem sinceridade, sem remorso, do amo bafejado pela victoria ou melhor pagador.

Deus Nosso Senhor assista com a sua divina graça o nosso preclaro chefe, (mais um) para não o deixar cair na tentação de alguma esparrella e o preserve de circumscrição (quarto e ultimo engrossamento). E basta.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Em março do anno passado, dizia eu no prefacio posto ás *Questões Economicas Nacionaes*, do sr. Arthur Guimarães, alludindo ao estudo que ando a escrever do Brazil social e politico, apreciado á luz da escola de Le Play e H. de Tourville: « Duas especiaes circunstancias puzeram-me no encalço das idéas que vão ser expostas: a observação attenta dos factos passados no periodo republicano, que váe decorrendo, e o conhecimento mais intimo das doutrinas e ensinamentos da chamada Escola da *Sciencia Social* de Le Play, H. de Tourville, Ed. Demolins, P. de Rousiers, P. de Prévile, P. Bureau e tantos outros, aos quaes se devem os melhores trabalhos existentes sobre a indole das nações.

A Republica teve a vantagem de revelar este querido povo brasileiro tal qual é, entregue a si proprio ou aos seus naturaes directores, o que vem a ser a mesma coisa. Os vicios e defeitos de sua estrutura social tornaram-se patentes aos observadores imparciaes e cultos.

Até á Independencia, este amado Brazil tinha apparecido sempre sob a tutela da realza portugueza, que o havia dirigido, guiado, afeiçoado, por

assim dizer, ao sabor de seus planos e designios, até onde governos podem influir na estrutura das massas populares, sobre as quaes lhes cumpre velar.

No regimen passado, egual tutela tinha sido exercida pela monarchia nacional, que se poderia considerar, em mais de um sentido, uma continuação, um prolongamento da realza mãe.

Poder-se-ia dizer que havia uma força estranha a estorvar o povo no seu andar normal e proprio.

Hoje, este obstaculo jaz desfeito: não existe mais tal embaraço ou tal desculpa. O observador não divisa um astro estranho a desviar-lhe os instrumentos de analyse; não encontra tropeços no caminho.

As doutrinas do evolucionismo spenceriano tinham-me posto na pista do desdobramento natural dos varios ramos da actividade humana; tinham-me despertado a attenção para as formações dispareas dos povos mestiçados, nomeadamente os da America do Sul, e, por esse caminho, havia sido conduzido ás conclusões a que cheguei em todos os escriptos acerca da minha patria. As doutrinas da escola de Le Play, posteriormente, fizeram-me penetrar mais fundo na trama interna das formações sociaes e completar as observações exteriores do ensino spenceriano.

E' uma confirmação, em ultima instancia, de theses obtidas por outras estradas e por outros processos.

A historia destes quinze annos de Republica tem servido aos espiritos sem preoccupações mesquinhas, para aclarar toda a historia colonial, regencial e imperial do Brazil. O periodo da Regencia, sobretudo, esclarece-se com uma intensa luz nova. A cohesão, a unidade, a estabilidade constitucional do paiz, a intima organização do povo, eram em grande parte puramente illusorias!

O manto da realza, puxado e repuxado em todos os sentidos pelos politicos de officio, encobria muita coisa que se não deixava ver.

A Republica manifestou o Brazil tal qual elle é; e, por isso exactamente, é o governo que lhe convém, porque o não illude. E' o que se vêe ver á luz do systema de Le Play e Henri de Tourville. A posição do Brazil, seu verdadeiro estado social, esclarecido com o criterio intimo dos elementos primarios e essenciaes da vida, é o que me proponho a elucidar.

Infelizmente só a traços largos e em linhas geraes; porque um estudo regular e completo do paiz, sob tal methodo, exigiria tres ou quatro volumes, firmados em duzentas ou trezentas monographias, que não existem, que estão por fazer.

Seria preciso apreciar acuradamen-

te, sob multiplos aspectos, cada um dos povos que entraram na formação da nação actual; dividir o paiz em zonas de produção, em zonas sociaes; em cada zona analizar, uma a uma, todas as classes da população e, em um, todos os ramos da industria, todos os elementos da educação, as tendencias especiaes, os costumes, o modo de viver das familias de diversas categorias, os methodos e meios de trabalho, as condições de visinhança, de patronagem, de grupos, de partidos; estudar especialmente a vida das povoações, arraiaes, villas e cidades, a posição do operariado em cada uma dellas e nas roças, nos engenhos, nas fazendas, nas estancias de crear, os recursos dos patrões, e com outros problemas, dos quaes, nesta parte da America, a rhetorica dos bandos partidarios que vivem da politica alimentaria que os nutre, devorando a patria, jámais occorren cogitar.» (1)

Como se vê, é o mesmo problema abordado, por outras vias, por outros processos, por outras doutrinas, pelo sr. dr. Manoel Bomfim em seu livro, apparecido em junho deste anno, sob o titulo de — *A America Latina*. O seu quadro é apenas mais vasto, porque elle cogita de todo o continente e eu me refiro sómente ao Brazil.

Trata-se num e noutro livro de descobrir a causa originaria, constitucional, organica, dos males que nos opprimem, dos defeitos que nos afeiam como nação, causa sempre occulta aos politiqueros de todos os tempos, que se arrogaram o direito de dirigir os nossos destinos.

Tomaram esses pretensos estadistas meros symptomas por causa efficiente, etiologica, e andaram sempre, como era fatal, de erro em erro, de quéda em quéda, perdidos nos meandros dum empirismo desoladoramente improficuo.

O auctor da *America Latina* suppõe haver atinado com a raiz primaria dos alludidos males sociaes e politicos e haver descoberto o remedio adequado á sua extirpação.

Etiologia e therapeutica infalliveis, a seu ver e de muitos que, por falta da precisa cultura, andam ali boquiabertos deante dessa inesperada prova da sabedoria indigena.

Passado o primeiro momento de effusão no clan litterario e profissional de que faz parte o auctor do livro encomiado, já é tempo de sobra para dizer a verdade e mostrar que o novo producto do jovem professor não passa de um acervo de erros, sophismas e contradicções palmares.

Falsa é a sua base scientifica, falsa a ethnographica, falsa a historica, falsa a economica.

Não admira, portanto, que falsa seja tambem a causa a que attribúe os

desvios e atropellos da evolução latino-americana, e soffrivelmente inefficaz a medicação que propõe para corrigil-os.

E' o que se vêe mostrar á evidencia, *sine ira ac studio*, para reivindicacão dos direitos dos factos, das doutrinas, da verdade, cruelmente desvirtuados no livro do psychologo do *Pedagogium*.

Seguirei na analyse, ora enprehendida, além do stricto methodo objectivista de mostrar a verdade rigorosamente documentada, a doce sympathia fraternal que se deve a um talento promissor de patricio distincto, como se revela o jovem escriptor.

Não é o seu talento incontestavel que vêe entrar em jogo; é, sim, a pouca segurança de muitas de suas vistas, a erronía das suas doutrinas capitaes, a falsidade da mór parte de seus conceitos, a precipitação de suas conclusões, o nenhum valor das fontes de que bebeu.

Só o ardente culto da verdade me imporia o sacrificio de revelar meu desaccordo com um espirito merecedor de selectas attensões.

A gente illustrada, os homens de verdadeira instrucção, de seria cultura, decidirão quem está com a razão, quem seguiu a severa trilha da sciencia.

*
*
*

Quem aborda a leitura da *America Latina* é para logo surprehendido por uma contradicção intrinseca, visceral, organica de todo o livro, contradicção que o vicia e corrompe de principio a fim.

Refiro-me a apresentar o auctor a America Latina como a *victima da calumnia européa* e, ao mesmo tempo, como *cheia das mais deprimentes mazellas*.

As duas coisas se repellem: si a America é uma *calumniada*, é que os males que lhe assacam os europeus não são *verdadeiros*; e, si estes são *verdadeiros*, ella deixa de ser uma *victima* da má vontade do Velho-Mundo.

Leia-se toda a primeira parte do volume, intitulada *A Europa e a America latina*, e repare-se que ali esta porção do planeta é a misera *victima* da petulante má vontade e do véso de *calumniar* que a seu respeito nutre a Europa.

Escusado é citar: é só ler quem quizer os dois capitulos da referida parte, denominados: — *A opinião corrente* e — *Consequencias da malevolencia européa*. Não resta a menor duvida: somos uns *calumniados*, o que não impede que, nos tres quartos seguintes do livro, sejamos pintados como uns pobres diabos cheios de terriveis vicios e defeitos.

O auctor, mais cruel nessa pintura do que qualquer dos escriptores de além-mar, pensa, talvez, que se fórra

á contradicção, affirmando que todas essas mazellas são heranças dos nossos calumniadores: os europeus....

No seu enthusiasmo de accusador, o psychologista brasileiro tem passagens como esta: «O resultado desse passado recalcitrante é esta sociedade que ali está: *pobre, esgotada, ignara, embrutecida, apathica*, sem noção do proprio valor, esperando dos céos remedio á sua miseria, pedindo fortuna ao azar, loterias, jogo de bichos, romarias, *ex-votos*; analphabetismo, *incompetencia*, falta de preparo para a vida, superstições e credices, teias de aranha sobre intelligencias abandonadas...

Ou a *putrefacção* passiva ou o agitar de interesses *baixos*, conflictos de grupos, dominados por um utilitarismo estreito e *sordido*, onde os mais astutos não sabem pensar nem querer, incapazes de um esforço continuo, correndo de empreza a empreza, gemendo quando tem fome, *grunhindo como bacôro (sic)*, quando estão fartos. Isto, porém, não chega a impressionar aos que dirigem, que procedem como si não contassem com outros moveis siuão o egoismo, o medo, o interesse material; sem pensar, siquer, no quanto é fragil a obra social que se não inspira de outros motivos. É cada um comprehende a vida ao sabor de seus interesses, ou a não comprehende; *tal é o caso da maioria, desleixada, entorpecida*, sem direcção moral, sem amparo, succumbida á ignorancia, que *oppõe um obstaculo invencivel* ao desenvolvimento de todas as virtudes cívicas.

No mais, é o cansaço, a descrença, a desillusão antecipada. Si as campanhas sociaes dão medida da vitalidade e do progresso de um povo, as sociedades, no geral da America latina, e notavelmente no Brazil, dão *tristissimo attestado do que valem actualmente*.

De tudo isto resulta, mesmo para os mais esclarecidos, um pessimismo doloroso, um scepticismo negativista e triste, contra o qual não prevalecem enthusiasmos, nem souhos de sacrificios generosos.» (Pag. 398).

Eis ahi: é a synthese a que chegou o sr. Manoel Bomfim acerca do estado dos povos latino-americanos. O quadro é negro; a condemnação é completa e sem agravo.

Nunca escriptor d'além-mar disse metade do que ahi fica e de muito mais que está para ler-se no seu livro. Nunca Le Bon, com quem o auctor brasileiro parece ter especial *teiró*, com quem *intica* devéras, escreveu um terço daquillo. E si essa é a opinião, o modo de ver do sr. Manoel Bomfim sobre a situação politica, economica, social e moral desta parte do mundo, com que direito e com que seriedade vem apresentar em varios pontos da

sua obra os povos latino-americanos como *victimas da malevolencia, da maledicencia* da Europa?

Com que direito e com que seriedade passa verdadeiros *xingamentos* no illustre Le Bon, figura respeitavel como physiologista e sociologo, a quem a sciencia deve alguns serviços reaes?

Phenomeno é esse psychologico só explicavel pelo estado cháotico das idéas do escriptor sergipano em assumptos de politica e sociologia e pela lucta travada entre o seu sentir e o seu pensar ácerca das coisas americanas.

Quando, despreoccupado dos phantasmas da arrogancia européa, lança as vistas no continente sul-americano e nomeadamente no Brazil, chega a enxergar alguns actos reaes e a dizer a verdade.

Mas esse estado d'espírito se evaéce prestes, sempre que o escriptor se lembra que é filho d'America e desta teem dito mal alguns europeus. Então já as maculas, que via no corpo social de nossas gentes, deixam de ser verdadeiras e se transformam em eructações da calunnia d'estranhos, máus ou invejosos..

Em sua serenidade de sondador de esconderijos psychicos, o sr. Manoel Bomfim tem momentos de colera e não trepida em injuriar um homem como Gustavo Le Bon, cujo crime é ter dito, antes d'elle, metade das coisas feias com que brinda os povos emphaticamente appellidados os *latinos* da America.

As *coisas feias* são grandes verdades, quando ditas pelo mestre do *Pedagogium* e grosseiras mentiras, quando saídas da penna do auctor da *Psychologia das Multidões*, da *Psychologia da Educação*, da *Psychologia do Socialismo* e de dez outros livros excellentes.

É um claro symptoma da contradicção ingenita, organica, constitucional da obra do auctor brasileiro, contradicção que é reflexo directo do estado de vacillação de suas idéas sociaes e de seus conlecimentos das materias de que se occupa em seu livro.

Mas preciso é onvil-o acerca de Le Bon, porque, além de comprovar tudo que aqui se affirma, o trecho, no seu final, encerra um tremendo erro de facto, que pôde servir, desde já, de amostra dos muitos que enxameiam no livro.

«No que se refere, escreve o sr. Manoel Bomfim, ás nacionalidades sul-americanas, é positivamente uma *estulticia* dizer como Gustavo Le Bon: — *Todas ellas, sem excepção, chegaram a esse estado em que a decadencia se manifesta pela mais completa anarchia e em que os povos só teem a ganhar em ser conquistados por uma nação bastante forte para os dirigir.*

O termo—*estulticia*—parecerá exaggerado, mas é o que melhor corresponde ao *disparate*. Paizes *decaídos*! Decaídos de que?... Dar-se-á o caso de que alguu delles, ao menos, já houvesse possuido uma civilisação superior á actual, ou que tivesse sido mais prospero, rico ou adeantado?... Esta pergunta não acudiu nunca ao espirito deste *terribilissimo* philosopho; nem esta, nem outras que indiquem a curiosidade natural de quem deseja conhecer os objectos e os factos, sobre os quaes discorre. A America do Sul é um pedaço de mundo, de que o sr. Le Bon se serve discricionariamente, ao sabor do momento, sempre que tem necessidade de nações ou povos absolutamente abjectos: — *Sujeitem-nos a um regimen de ferro unico de que são dignos estes povos, desprovidos de virilidade, de moralidade, e incapazes de se governar.*»

E nestes termos elle nos empresta os mais contradictorios defeitos e crimes. *Repugna* o dar attenção a conceitos como estes seus, que teem *tanto de grosseiros como de vãos*; mas, visto que é preciso citar o *disparate* e *deixar patentes as extravagancias e malevolencia* dos que nos assignalam como *decaídos*, nomeiamos o sr. G. Le Bon; é elle o mais categorico e completo (*Menos do que o sr. Bomfim*) na especie; as suas affirmações dão bem idéa do valor e importancia que se devem attribuir á opinião que ellas exprimem. São juizos feitos de injurias. A ouvil-o, os americanos do sul não prestariam nem para adubar (*Isto é pilheria do dr. Manoel Bomfim...*) as terras que occupam. Não nos impressionemos por isto, e acceitemos a sociologia do homem pelo que ella vale; lembremo-nos de que, para elle, o nosso crime capital é que: — Situados nas regiões mais ricas do Globo, somos incapazes de tirar um partido qualquer destes immensos recursos, e ao passo que a grande republica anglo-saxonia se acha no mais alto gráu de prosperidade, as republicas hispano-americanas, apezar do seu sólo admiravel e das riquezas inesgotaveis, se acham no mais baixo da escala da decadencia.

Não enriquecem! Porque não enriquecem?... Eis a preocupação unica desse philosopho; não vê outra razão de proceder, nem outro liame entre os homens.

A' lembrança das riquezas, o *entendimento se lhe obscurece por uma vez.*

Na furia de exaltar os anglo-saxões dos Estados Unidos, porque enriqueceram, elle nem reflecte que allí mesmo, ao lado, existem outros anglo-saxões — no Canadá — que *nem enriqueceram, nem prosperaram* (!!!); *vivem uma vida mais mesquinha, tem menos valor que o Mexico, o Chile ou a Argentina.* É porque razão, apezar de

anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados Unidos? *O pobre homem não saberia responder.* Elle pertence a essa especie de philosophos, cuja inspiração é a inveja, cujo ideal é a riqueza... São individuos nos quaes o espirito não vê o que a mão alcança...» (Pag. 378)

Tanta pedrada á tóa, só porque Le Bon, em linguagem rude, e certa, disse-nos algumas duras verdades, das quaes o primeiro crente é o colerico professor do *Pedagogium*...

Mas nada como a importancia que o sr. Manoel Bomfim liga ás perguntas que dirige ao auctor de *O homem e as sociedades*.

No seu enthusiasmo, não chega a perceber que ellas são verdadeiras impertinencias.

Com effeito, perguntar, com ar ufano, a um homem como Gustavo Le Bon, de que foi que decaíram os povos sul-americanos, e fazel-o na encantada illusão de que a pergunta nunca havia acudido ao espirito do philosopho... é o requinte da mais ingenua singeleza!!

Não percebe, ainda agóra, o sr. Bomfim haver Le Bon empregado o termo *decadencia* no sentido geral de *atrazo*?

Não se faz isto ali a toda a hora?

A outra leviana pergunta envolve, nos commentarios que a cercam, enorrimissimo erro de apreciação: o atrazo do Canadá e sua inferioridade ao Mexico, Chile e Argentina.

* * *

«E porque razão, apesar de anglo-saxonio, o Canadá vale tantas vezes menos que os Estados-Unidos?... O pobre homem não saberia responder.»

São, como se viu, palavras do sr. Bomfim, dirigidas a Le Bon.

Mas a pergunta é apenas uma interessante fórmula da banalidade.

Ao escriptor francez naturalmente não poderiam occorrer essas *caloi-radas*, que, nem signer, chegam a ser problemas de decima ordem.

Nada, entretanto, mais facil a qualquer escolar do que responder á pergunta do professor brasileiro.

Entre nma duzia de motivos que mantêm a *actual* inferioridade do Canadá em face dos Estados-Unidos, bastaria escolher os seguintes: o clima do Canadá é muito mais rigoroso do que o dos Estados-Unidos; o territorio aproveitavel é muito menor alli do que na grande republica; é mais pobre em geral; a colonisação é mais recente e tem sido *embaraçada* exactamente por esse famoso *elemento latino*, tão *endeusado* pelos retardatarios de toda a casta.

Quem o diz não sou eu; é toda a gente que sabe ver e pensar na propria França.

Dos numerosos estudos acerca do Canadá, publicados na revista *La Science Sociale*, Ed. Demolins extraiu as seguintes theses que os resumem:

«O rei de França mallogrou-se em suas tentativas de colonias no Canadá, em razão da instabilidade do Estado e da má organização de suas finanças. Os nobres, por causa do character guerreiro e burocratico que os tornava inaptos para crearem colonisações agricolas. Na epocha da descoberta e do primeiro povoamento da America, era em França a classe superior incapaz de colonizar sem o soccorro do Estado, e este era incapaz de o fazer, quer por subsidios, quer por concessão de privilegios permanentes. A exploração do Canadá por companhias mercantes teve como resultado entregar o paiz ao estrangeiro. Os primeiros *senhores* do reino, em vez de sustentarem os colonisadores canadenses, se estabeleceram sobre elles, como *parasitas*, e procuraram viver á sua custa.

A exploração feita pelas companhias mercantes deixava em penuria todos os elementos estaveis da colonia. Taes companhias limitaram-se á exploração do paiz no mero intuito do commercio de *peles*; não estabeleceram colonos e entregaram a terra ao inimigo.

Em consequencia da decadencia local em França e da incapacidade dos poderes publicos, a colonisação do Canadá limitou-se á alguns esforços espasmodicos e incompletos. Os primeiros esforços da colonisação mallograram-se pela ausencia do elemento agricola. Os primeiros *senhores canadenses* contavam com os *empregos publicos para viver* e empregavam todas as traças para obtel-os.

Os gentis homens francezes idos para o Canadá, sendo meros funcionarios, não fizeram nada ou quasi nada pela colonisação. O mecanismo para esse fim, devido a Richelieu, repousava na detenção senhorial das terras; mas como esta tinha por base o monopolio do trafego, que era fraco e vacillante, o edificio ameaçava ruina. Luiz XIV foi impotente para supprir a iniciativa privada na colonisação. A intervenção do Estado, que não pôde transformar gentis homens em agricultores, deixou-os apoderarem-se do commercio de pelles e contentarem-se com elle. Tal commercio fez dos senhores canadenses *aventureiros ou funcionarios*.

A caça ás pelles levava aquelles que a ella se entregavam á *preguiça e á vida selvagem*. Pelo crescimento limitado da massa popular e pela ausencia de individualidades superiores, de patões agricolas, a população rural franco-canadense achou-se impedida de fazer grandes coisas.

Na cidade e no campo, os franco-canadenses mostraram-se inhabeis a ele-

varem-se nas artes usuaes. Os pontos fracos da raça franco-canadense são a inaptidão da classe operaria para elevar-se e a da classe dirigente para proteger.»

Muitas outras proposições syntheticas existem na citada revista; não são aqui citadas por não estender demasiado este artigo.

O sr. Bomfim não tem estudado o assumpto; do contrario, não seria tão prodigo em erros e afirmações destituídas de senso.

Onde viu elle que o anglo-saxão do Canadá *não enriquece, nem prospera, e sua terra tem menos valor que o Mexico, o Chile, a Argentina?*

A posse definitiva do Canadá pela Inglaterra, é um facto moderno que não chega a ter seculo e meio de existencia.

A famosa colonia franceza passou ao dominio inglez pelo tratado de Pariz, de 1763.

Os progressos realizados de então para cá são verdadeiramente phantasticos.

O *Dominio do Canadá* constitúe hoje uma federação, na qual se juntaram todas as colonias inglezas da America do Norte dos Estados-Unidos, menos *Terra Nova* e parte do *Lavrador*.

Um caminho de ferro transcontinental atravessa-o de mar a mar na extensão de 4.952 kilometros. E' uma das obras mais colossaes que existem, no genero, sobre a terra.

Bastaria ella para provar que o anglo-saxão não degenerou naquellas asperas regiões septentrionaes.

Falando dessa gigantesca, sorprendente, colossal empreza, escreve Elisée Réclus na sua admiravel *Nouvelle Geographie Universelle*: «De nenhum outro paiz se pôde com tanta verdade dizer que um caminho de ferro é a sua arteria vital.

Sem a ferro-via que a atravessa de léste a oeste, a Columbia Britannica não faria parte do mundo commercial sinão por alguns pontos isolados do littoral e não teria nenhuma relação directa com as outras provincias do Dominio do Canadá. Os primeiros imigrantes brancos que se estabeleceram alli provinham quasi todos da California e, quando os mineiros se precipitaram em multidão para esse *novo Eldorado*, São Francisco se tornou o mercado privilegiado por onde se exportava o ouro columbiano. De anno para anno, as communicações se tornavam mais directas e mais seguidas; a despeito do laço politico, a Ilha de Vancouver e as colonias oppositas da terra firme prendiam-se cada vez mais á republica dos Estados-Unidos, e o governo britannico podia receiar que a sua colonia fôsse arrasada pela força das coisas a tornar-se uma dependencia politica de São Francisco. Como remedio a esse peri-

goso estado de coisas, era mistér ligar a bacia do São Lourenço á do Fraser por uma via de communicação rapida.

Recuava-se deante da execução de uma obra tão dispendiosa. E, todavia, a decisão era urgente. Em 1871, ao entrar para a Federação Canadense, — a Columbia Britannica impoz, como condição de seu concurso, que um caminho de ferro transcontinental fôsse construido através das Montanhas Rochosas, e tal era a urgencia de semelhante obra, tão grande foi a munificencia do governo canadense em relação aos capitalistas concessionarios, que o limite do prazo para a conclusão da obra foi de muito antecipado.

A carta de concessão impunha a abertura da linha completa em 1891, porém cinco annos antes (1886) as locomotivas fizeram a travessia de um a outro Oceano. »

Só isto basta de sobra para dar um seguro attestado do mesquinho gráu de *atraso* em que vegetam sem recursos, sem riquezas, em vergonhosa *apathia*, no pensar do dr. Bomfim, os anglo-saxões do Canadá...

Outras provas tão ou mais eloquentes poderia o terrível adversário de Le Bon encontrar nas grandes empresas de mineração, de criação de gados, de agricultura, de manufactura, de navegação, de pescaria, de commercio, alli existentes; nas bellas cidades formadas como por encanto de um dia para outro; no gráu de adeantamento da instrucção; na ordem, na riqueza, no florecimento geral do paiz.

O conhecimento exacto da nova *Commonwealth* e de suas estatísticas deita irremissivelmente por terra o grosseirissimo erro do auctor da *America Latina*.

O estndo do Canadá na obra de Réclus é verdadeiramente phantastico.

O grande geographo iúicia a sua exposição pela provincia mais occidental — a Colombia, passando em ordem por Manitoba, territorios do noroeste, Ontario, Quebec, Novo-Brunswick, Ilha do Principe Eduardo e Nova Escossia.

Surprehede ver como em climas tão asperos a energia britannica pratica verdadeiros prodigios. Tudo em menos dum seculo a esta parte na maior porção do paiz.

Impossível é dar aqui o resumo de duzentas ou trezentas paginas. Basta repetir, demasiado reduzidas, algumas notas estatísticas.

Por ellas, verá o sr. Manoel Bomfim quão longe de seus anathemas estão os anglo-saxões do Canadá, a ponto de uma auctoridade, como Ed. Demolins, avançar theses assim: «O colono anglo-saxão creou no Canadá uma ordem social nova e complicada; fez avançar a agricultura e a industria. A inferioridade da vida privada dos franco-canadenses prodúz o in-

successo da vida publica local, a má administração dos negocios urbanos e provinciaes e o revéz na arena federal. A inferioridade dos franco-canadenses provém da familia e da educação dos filhos. A organização social dos franco-canadenses atraza e limita seu desenvolvimento material, intellectual e moral; não os arma para, com vantagem, lutar contra os *seus concurrentes inglezes*. Si a raça franco-canadense não evoluir no sentido da formação particularista, desaparecerá deante do elemento anglo-saxão».

Mire-se o sr. Manoel Bomfim neste espelho e veja quanta coisa sem razão ouzou dizer em face de Le Bon.

Mas, continuemos.

SYLVIO ROMÉRO.

(1) *Questões Economicas Nacionaes*, de Arthur Guimarães, prefacio, pag. 14 e 26.

SCIENCIA E INDUSTRIA

O gulf-stream e as diferenças de clima. — Causas das anomalias. — O nosso planeta e a evolução fatal da vida.

Jornaes americanos e inglezes impu-tam ao *gulf-stream*, rio oceanico, as actuaes vicissitudes, as anomalias de temperatura do clima da Europa, affirmando que elle se desloca alterando as condições da navegação nas latitudes médias do Atlantico.

O *gulf-stream* e suas origens não são mysterio para uinguem: elle passou do dominio da phantasia mythologica para o campo da sciencia. Impellidas pelos ventosalizios, as aguas do Atlantico ao norte e sul do equador, se dirigem de léste para oeste, da Africa para a America ao longo da linha equatorial, de maneira que chegam muito aquecidas pelo Sol quando chegam ás costas da America do Sul, cujo contorno são forçadas a acompanhar até entrarem no golfo do Mexico; uma especie de ratoeira donde é difficil saír. As aguas sempre impellidas pelo affluxo liquido das massas que véem chegando após, são obrigadas a demorar no golfo antes de saírem tumultuosamente pela unica porta possível, o canal da Florida. Dahi, lhe veio o nome de corrente do golfo.

Durante essa permanencia forçada no golfo, as aguas do Atlantico se acham numa verdadeira marmitta, sendo essa região uma das mais quentes da Terra; ellas entram mornas, saem quentes, lançando-se como um rio no oceano com uma rapidez de cinco nós. A sua despeza é de trinta e tres milhões de metros cubicos por segundo, duas mil vezes a despeza média do Mississipi.

Essas aguas mudam a sua direcção

saíndo do canal da Florida; em virtude da rotação da Terra, o seu curso se desvia para a direita, soffrendo a corrente uma deflexão para léste, atravessando o Atlantico em diagonal para costear o littoral da Europa, dividindo-se em varios ramos secundarios: um, que lambe a Groelandia; outro, que segue as costas da Noruega indo até á Islandia, a Spitzberg; a terceira, descendo ao longo das costas da Europa e formando uma vasta madeixa que váe attingir a origem da corrente.

A medida que se interna no Atlantico, a corrente se torna mais profunda, e mais larga. Rio de agua quente, ella corre entre margens, de aguas frias, ou inferiores á sua temperatura, na média de 10 ou 12 gráus.

Nessas condições, é natural que o Gulf-Stream seja vehiculo de uma fornidavel quantidade de calor, que tende a elevar a temperatura do ar formando um gulf-stream aéreo superposto ao liquido: a essa corrente de ar morno e humido se deve o clima tão temperado da Europa occidental; a ella se devem os ventos predominantes nessas costas de oeste e o regimen pluvionotico. Massas de ar, carregadas de vapores d'agua aspirados sobre o Atlantico o condensam sobre as primeiras terras que encontram: disso resulta o clima brumoso da Inglaterra, os nevoeiros da Terra Nova e da Islandia.

Comprehende-se perfeitamente que essas massas de ar quente chegando, durante o inverno, no meio do ar quente do continente europeu, lhe perturbem o equilibrio, occasionem tempestades, borrascas, e por isso se denominou o *gulf-stream* pae das tempestades.

Verificando as estações da Europa um tanto perturbadas, os especialistas suggeriram a hypothese de ser causa dessas anomalias climatericas uma deslocação da corrente submarina, hypothese justificada pelo facto de se acharem bloqueado, num fóco de calmaria, durante semanas nas costas dos Estados-Unidos, alguns navios a véla, impossibilitados, por falta de vento, de subirem o *gulf-stream*.

Nenhuma observação directa demonstrou essa deslocação, cujo estudo demandaria longos annos, numerosas pesquisas, muitas expedições oceanographicas, a menos que se dêsse uma deslocação brusca resultante de um cataclysmo. Nenhum facto assignalou aquelle phenomeno que deveria ser muito consideravel para determinar as indicadas perturbações do clima.

Não são bem conhecidas, nem definitivamente fixadas todas as causas e todas as leis que regem o clima, sendo as theorias e calculos sobre essa materia estabelecidos sobre a hypothese de que o Sol, origem dos movimentos

atmosphericos, nos fornece sempre a mesma quantidade de calor durante o anno, facto que não está demonstrado. Si se verificar de maneira irrefutavel, por methodos novos e experiencias exactas, que a quantidade de calor emittido pelo Sol, não é a mesma durante dois annos segnidos, ficará, em parte, explicada a variação do clima.

Essas perturbações poderão ser imputadas a accidentes num constante regimen atmosferico com permanente provisão de calor solar, abalado por um cataclysmo como o da Martinica, projectando no ar, em violenta erupção, milhares de metros cubicos de gazes incandescentes, provocando correntes de ar imprevisas, em direcção e volume, a atravessarem a atmospheria.

O futuro da meteorologia depende, em grande parte, do estudo do centro do nosso systema planetario, das modificações que elle soffre pela acção e reacção de seus elementos essenciaes, em permanente actividade formidavel, demonstrada pela evolução das manchas, pelo estudo dos eclipses desvelando os aspectos curiosos da corôa, da photosphera solar, de todos esses phenomenos, emfim, de transmissão da sua vida aos corpos celestes submetidos á sua suzerania.

Não ha duvida que notaveis alterações de clima se observam em muitas regiões da Terra, em zonas que não soffrem a influencia directa das correntes submarinas; não se póde tambem contestar que o nosso domicilio astral tem soffrido deslocções do seu eixo, phenomeno indicado pelas differenças de latitudes accentuadas na comparação das cartas antigas com as modernas, descontadas ás devidas á imperfeição de aparelhos astronomicos e de noções scientificas, facto verificado no deslocamento das costas da Europa no Mediterraneo para o norte, alterando sensivelmente as posições geographicas.

Seja como fôr, a verdade é que, como todas as coisas creadas, o nosso planeta obedece aos successivos estadios da evolução fatal do nascimento até á morte.

* *

A fôrma racional dos sapatos de marcha — Condições para não se maguarem os pés — Os estudos do doutor Duguet.

Ha muito tempo, se affirma, e nós temos a dolorosa experiencia, que os calos são obra dos sapateiros, e são devidos á conformação viciosa dos sapatos.

E' sabido que os sapatos novos geralmente magoam muito os pés e que andamos commodamente com os calçados velhos, usados, quando o proprio pé os modelou pela sua estrutura, que, nesse esforço, fica arruinada, deformada.

Para evitar esse duplo inconveniente, é necessario dar ao calçado, sobretudo ao de marcha, uma fôrma absolutamente racional.

Essa questão, que a todos interessa, tem importancia de primeira ordem quando concerne ao calçado do soldado. E, ha muitos annos, se fazem estudos, investigações, para dotar o exercito francez de sapatos que, racionalmente fabricados, evitem os inconvenientes assignalados, causadores das feridas, das molestias do pé, consecutivas ás marchas, ou no curso de manobras.

Um medico militar, o dr. Duguet, acaba de publicar um interessante estudo dessa materia. E' por intermedio do pé — diz elle — que se transmite ao sólo todo o pezo do corpo. Ora, sendo o pé um orgão complexo que se apoia no chão por meio de abobada plantaria, constituída por dois arcos osseos com um pilar commum, bifurcado em dois pilares anteriores, interno e externo, o ponto de apoio desses tres pilares delimitam um triangulo, o triangulo de sustentção. Os physiologistas consignaram a cada um desses arcos funcções differentes: o interno seria o do movimento; o externo seria o de apoio, o que explica o facto de apresentar a pelle o seu maximo de espessura nos bordos exteriores do pé. O calçado deverá, portanto, corresponder a essa dupla funcção — de mobilidade — jogo das articulações — de pressão — transmissão do pezo do corpo.

Essas duas funcções estão em correlação intima, mas é evidente que a pressão predomina, sobretudo no calçado militar, que deve satisfazer a exigencias dynamicas que podem ser desdenhadas no sapato de phantasia.

Isto posto, sabe-se que toda pressão, exercendo-se sobre um arco, se transmite por intermedio de seus pilares aos planos subjacentes que, si fôrem compressiveis, conservarão o sua marca. No solado dos sapatos usados se observam tres excavações que correspondem, exactamente, ás protuberancias do triangulo de sustentção e a experiencia prova que esse triangulo se reproduz sempre, de maneira exacta, sobre o soldado. E' preciso, pois, que intervenha, na confecção do sapato, um factor correspondente a esses dados anatomicos: esse factor é a pressão.

O dr. Duguet estabelecem, por comparação, que não se tem em consideração esse elemento na fabricação da fôrma regulamentar do calçado de tropas, omissão assignalada, em 1892, pelo dr. Nogier.

Inspirando-se nessa informação e impressionado pelas deformações dos solados, devidas a falta de adaptação á estrutura funcional do pé, um mestre de botas militares construiu uma fôrma nova, tendo por objecto

reproduzir os logares exactos dos pilares da abobada plantaria e figurar o arco externo no seu aspecto real, sem a chanfradura que erradamente lhe attribuem.

Os contactos com o sólo, marcados nos solados de fôrmas vulgares, por uma mancha de pressão no calcanhar e duas proximas ás implantações dos dedos, apparecem na fôrma racional representados por um angulo obtuso que, partindo do joanete interno, váe em linha recta até ao bordo exterior donde se prolonga directamente até ao calcanhar.

Parece que essa fôrma daria calçado desgracioso e achatado, mas a verdade é que tem a vantagem de supprimir o periodo de tortura physica necessario para amoldar o calçado ao pé, de assimillal-o, forçadamente, á sua estrutura. Com essa nova fôrma, póde-se executar uma marcha de 20 kilometros, sem incommodo, com sapatos novos.

Desconfiamos que o nosso exercito é calçado um tanto *à la diable*: os fornecedores fabricam o calçado sem fôrmas regulamentares, tendo a submettel-o á moda mais em vóga, como a desses sapatos de bico fino, de salto alto, que ainda são muito apreciados como requinte da elegancia militar. Dahi, o doloroso espectaculo de soldados tropegos, de pés em braza, de sapatos cheios de golpes, nas formaturas, nas pequenas marchas de exercicio ou de passeio na cidade.

Parece que das manobras de Santa Cruz, resultou a necessidade de estudar uma fôrma racional de calçado militar para ser adoptado como regulamentar, circumstancia que explica a oportunidade desta noticia.

PAGINAS ESQUECIDAS

DESPEDIDA DA AMA

Adeus, filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto. Vou deixar-te, filho;
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus? Já quando acordares
Chorando, me não verás;
A's noites a acalantar-te
Outra vóz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quiz ouvir!
E a mim, que os calei com beijos,
Manda-me agora partir!

Puz á volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os soceguei ;
Carinhos que semeava,
Para outra os semeei !

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me has de conhecer ;
E' assim que de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus ! Nesta despedida
A alma toda se me váe ;
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cáe.

Que desse somno innocente
Te não vá elle acordar ;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,
Está finda a criação :
Déste a vida a este menino,
Não lhe dêes o coração.

O coração ? Quem t'o pede ?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais !

Adeus, filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus.
O choro corta-me a fala,
Mal posso dizer-te... adeus !

JULIO DINIZ.

* * *

TUDO PASSA

O mundo, desde seus principios, vê-lo-heis sempre, como nova figura no theatro, apparecendo e desaparecendo, e sempre passando. A primeira scená d'este theatro foi o Paraiso Terreal, no qual appareceu o mundo vestido de immortalidade, cercado de delicias; mas quanto durou esta apparencia? Extendeu Eva o braço á fructa vedada, e, no brevissimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flôres aos espinhos, do descanso aos trabalhos, da felicidade summa ao summo da infelicidade e miseria.

Oh miseravel mundo, que se paráras assim, e te contentáras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, fôras menos miseravel ! Mas não serias mundo, se de uma miseria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos se vestiam de pelles, todos eram de uma côr, todos fallavam a mesma lingua, todos guardavam a mesma lei; mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia d'esta natural irmandade.

Logo variaram e mudaram as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia dos pés á cabeça apparecem

com nova figura. Logo variaram e mudaram as linguas com tanta dissonancia e confusão como a torre de Babel.

... Que direi dos exercitos innumeraveis, das batalhas campaes e maritimas, das victorias e triumphos de umas nações, e da ruina, abatimento e servidão de outras, tão varia e alternada sempre? Só digo que assim a gloria e alegria dos vencedores, como a dôr e affronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foi o maior que viu o mundo, constava de cinco milhões de combatentes. E porque de uma parte e da outra fez continente o Helesponto, e cavou, e fez navegavel o monte Atho, disse d'elle Marco Tullio que *caminhava os mares a pé, e navegava os montes*. Mas todo aquelle immenso e formidavel apparatus, que, visto, fez tremer o mar e terra, tão brevemente passou e desapareceu, sendo desbaratado e vencido, que só ficou d'elle este dito. O mesmo Temistocles, que com mnito desigual poder o desfez e poz em fugida, tambem passou como na Grecia e fóra d'ella passaram todos os famosos capitães e suas victorias. Passou Pirrho, passou Mitridates, passou Philippe de Macedonia, passaram Pompêo e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hercules, ou fosse um ou muitos, todos passaram, porque tudo passa.

Costumam as letras seguir as armas, porque tudo leva após de si o maior poder, e assim floresceram variamente e em diversas partes, no tempo destes imperios, todas as sciencias e artes. Floresceu a philosophia, floresceu a mathematica, floresceu a theologia, floresceu a medicina, floresceu a musica, floresceu a oratoria, floresceu a poetica, floresceu a historia, floresceu a architectura, floresceu a pintura, floresceu a estatuaría; mas, assim como as flores se murcham e seccam, assim passaram os auctores mais celebrados das mesmas sciencias e artes. Na estatuaría passou Phideas e Lysippo; na pintura passou Simantes e Apelles; na architectura passou Meliagenes e Democrates; na musica passou Orphêo e Amphion; na historia Tucídides e Livio; na eloquencia Demosthenes e Tullio; na poetica Homero e Vergilio; na astrologia Anaxagoras e Ptolomeu; na medicina Esculapio e Hippocrates; na mathematica Euclides e Archimedes; na philosophia Platão e Aristoteles; na theologia Mercurio Tremigisto e Apollonio Tyaneo; e, por junto, em todas as sciencias passaram ao mesmo tempo os sete sabios da Grecia; porque, ou junto, ou dividido tudo passa. Só a ética e a moral como tão necessarias á vida e á virtude, parece que não haviam de passar; mas

os platonicos, os peripateticos, os epicureos, os cynicos, os pythagoricos, os estoicos, os academicos, elles e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma coisa é mais propria d'esta consideração, em que imos, que os jogos e espectaculos publicos que os homens inventaram a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo não passára mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os Circenses, outros os Dionysios, outros os Juvenaes, outros os Nemêos, outros os Marathoneos, todos cheios de diferentes divertimentos, em que ou se perdia a honestidade, como nos de Venus, ou o juizo, como nos de Baccho; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos e piedade natural que os Gladiatorios.

Saía toda Roma no Amphitheatro, a que? A vêr e festejar como se matavam homens a homens: caíam uns, sobrevinham outros e outros sem estar o posto vago um só momento, acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carnicieiros, que crueis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos, como a furia dos matadores. Os jogos seculares se chamavam assim, porque se celebravam uma só vez de seculo a seculo: e dizia o pregão publico, que convidava para elles: «Vinde vêr os jogos, que ninguem viu, nem ha-de tornar a vêr». E, com este desengano da vida passada, e desesperação da futura, os iam todos a vêr e se chamavam jogos. Os Olympicos foram os mais celebres e famosos de todos, em que de cinco ou cinco annos corria todo o mundo a uma cidade do mesmo nome ou a levar, ou a vêr quem levava uma corôa de loiro. Por esses jogos, mais que pelo curso do sol, se contavam e distinguíam os annos. Mas, como toda a competencia era a correr, e o que mais corria, o que triumphava, não podiam deixar de passar as Olympiadas como passaram todos os outros jogos d'aquelles tempos, ou todos os passatempos d'aquelles jogos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Do rescripto do imperador do Japão, publicado no dia 16 deste mez, destacamos o seguinte trecho:

«O resultado da campanha resultou da benefica acção dos espiritos dos nossos antepassados, da dedicação dos funcionarios e do patriotismo da nação.»

Nos numeros 37 e 38 dos *Annaes*, publicamos um curioso artigo que o coronel Emerson escreveu para a *Revue*, de Paris, intitulado *A alma cavalheiresca do Japão*. Esse artigo fala, precisamente, do *bushido*—superstição que todo japonês, desde o imperador ao mais humilde subdito, tem, para crer, com inexcedivel firmeza, que o espirito dos seus antepassados preside ás acções gloriosas dos seus contemporaneos. O escripto do coronel Emerson fez a respeito as mais impressivas revelações.

PARA ACOMPANHAR a segunda edição da *Pastoral*, o *evangelho* de Coelho Netto que tanto successo está fazendo em Portugal, o sr. Fialho d'Almeida escreveu um vibrante prefacio, do qual os editores portuguezes remetteram ao auctor do *Sertão* a parte que já se achava impressa. Parte, aliás, em que Fialho não trata ainda do assumpto cujo titulo, que conservamos, é o nome glorioso de Coelho Netto. Offerecemos-a, entretanto, como primicias valiosas aos nossos leitores porque dos formidaveis periodos desse escripto do grande estylista portuguez as allusões feitas a Portugal vêem, em ricochete, até nós, e acham que ferir, não se perdendo uma só estilha da metralha.

COELHO NETTO

O nome de Coelho Netto, que tem no Brazil uma repercussão de gloria tranquillã, segura, feita em artigos de jornal, peças e livros, só ha pouco tempo entre nós entrou, com o *Sertão*, a alvorejar na pleiade dos escriptores primicias e triumfantes.

Não conheço de Coelho Netto a obra em bloco para a poder apreciar com segurança; as minhas leituras alcançam apenas tres ou quatro volumes seus, d'epoca vária, e que por fórma alguma demarcam, dessa obra, na curva d'evolução, pontos *d'étape* a que referir algumas das categoricas crises do seu espirito. Portanto, o meu juizo em pouco ou nada pôde elucidar sobre o escriptor, e repintará, quando muito, uma impressão de leitura recente, significando a *entente* cordeal, intelectual, de dois homens de letras da mesma familia, separados por um acaso de mar entre rincões fronteiros de continente.

Coelho Netto é a *avis rara* que, segundo me dizem, tem conseguido viver de produção litteraria, stenografada em língua portugueza. Facto tão estranho, que em Portugal mal pôde ser comprehendido, visto a litteratura entre nós não ter valor negociavel, e ser para meia duzia numa fórma d'ostacismo, e um pretexto de *fainéantise* para o resto. Ignoro como o Brazil remunerava os seus homens de letras: é certo que alguns ali vivem do que escrevem, e cuído que essa remuneração lhes garanta de sobejo o passadio, e mesmo umas quantas larguezas indispensaveis aos que necessitam alimentar a imaginação d'imagens fulgidas, e não estar á mercê de subservencias financeiras, ou sejam, para o escriptor, das escravidões peores da vida ambiente. Em todos os paizes onde a difusão da cultura e a área da produção litteraria, escaça venda, tem os governos cuidado d'agazallar a vida dos escriptores (falo dos escriptores cuja obra represente benemerencia e se indigite como serviço civico de qualquer monta), reservando-lhes,

sem elles pedirem, logares em harmonia com as suas predileções, talentos e especialidade de trabalhos, ao mais absoluto abrigo das flutuações do caciquismo ultra-tunante.

Cadeiras em escolas d'arte e d'industria, direcções e inspetoria de bibliothecas, archivos e museus, missões ás colonias e paizes estrangeiros para livros d'informação e divulgação de pontos d'estudo interessantes... tudo isto seriam cargos a dar a homens de letras, se a sofreguidão dos partidos os não revertesse á vadiagem dos seus socios, e a razão dos empregos não fôsse o visco obrigado para interessar na politica os bachareis sem domicilio.

As condições em que entre nós estão, perante o publico e as exigencias crescentes da vida social, os escriptores e pensadores portuguezes, são de longa data nefandas e humilhantes, e cumpre transformal-as e alargal-as, creando para os que escrevem publico e successo, a atmosfera de carinho, a independencia moral e a liberdade d'ação que a intellectualidade precisa para nas gerações exercer papel pontifical.

Creando para os homens de letras publico e successo. E ajuntarei: crea-se publico, *começando pelo principio*, isto é, fazendo:

1º — Da campanha do ensino primario obrigatorio, uma cruzada santa, prégada entre as medidas de salvação publica, como entre nós já deveriam tel-o sido as da sífilis, do alcoolismo, da lepra, a da assistencia á primeira infancia, a dos engeitados (que os municipios desleixam, collaborando cynicamente na morte de oito a dez mil creanças annuaes), e como d'inicio quiz ser a da tuberculose, hoje reduzida pouco menos que a uma sinecura de doutores.

Claro que enquanto só um sexto da população total do paiz souber ler, as pessoas amigas de livros quedarão reduzidas á cifra miserissima de duas ou tres mil, e não poderá haver em Portugal litteratura ou arte, independentes. Culpados deste marasmo tragico, são todos. São os partidos avançados, o republicano á frente (se por avançado ainda o tem certas pessoas), que sem a comprehensão elevada do seu destino, em vez de se crearem como partidos d'educação e reforma social, buscando refazer pela base o portuguez, creando o cidadão, do que tratam é de borrar nelle os ultimos restos de respeito, e d'explorar, no bandalho que fica, o galopim.

E mais que todos, os partidos rotativos, associações pela mór parte digestivas, que não curam senão de multiplicar os cargos e lhes chuchurubar os reditos, permitindo em silencio, intra-muros dos seus coios, todas as especies de burlas e vergonhas.

A estes ultimos grupos, pela posse perpetua do mando, cabem primordialmente as culpas da miseria mental e moral da nossa terra; e poderemos, acima delles, attribuil-a tambem ao chefe do Estado, que com a força tradicional que tem, ou teve, e dia a dia estupidamente está perdendo, bem podia entre esta sociedade corroída ter um papel de cenho nobre e d'iniciativa generosa (fosse elle um cerebro!) e afinal passa a vida em pescas e caçadas, chacinando seres que se escrevessem artigos teriam de lhe lançar em rosto os instinctos carnicieiros.

Num paiz, onde toda a gente tivesse, como na Suecia e Noruega e quasi todas as provincias da Alemanha, bastaria só a cultura litteraria radiada do ensino elementar, já seria facil:

2º — Propagar e desenvolver entre as classes pobres o gosto pelas leituras, e o amor dos livros, o que permitiria exigir:

3º — O livro barato, o livro que ainda entre nós tem preços de luxo, como os logares de theatro, a aclimar e propagar entre a multidão o gosto das publicações periodicas, das illustrações e magazines educativos, dos desenhos muraes, etc., e por ventura um dia sair dali para as democratizações ruskinianas da arte, até aos mais pequenos detalhes da indumentaria caseira e municipal. Para se ver o nenhum caso que as instancias officiaes fazem da instrução popular, considere-se o papel da nossa Academia, que tem por presidente o rei, que faz troça « das sabios », e o sr. Hintze Ribeiro, que é quasi analfabeto. Ha duas duzias ou tres de esplendidos livros antigos, sobre historia, conquistas e viagens, que noutra terra fariam a base das bibliothecas classicas populares, e andariam espalhadas em edições illustradas, comentadas e quasi gratuitas, por todas as mãos portuguezas curiosas da vida ancestral do seu paiz.

Qualquer portuguez que queira haver á mão alguns desses bons livros, haverá que os caçar pelos leilões, a preços de judeu, ou tem d'ir procural-os a bibliothecas publicas que só existem em duas ou tres grandes cidades. *Lendas da India*, *Peregrinações de Fernão Mendes*, *Chronicas de Fernão Lopes*, *Pina*, *Rezende*, *Barros*, *Couto*, *Góes*, a *Historia tragico-maritima*, alguns poetas do cyclo quinhentista e seiscentista, e quejandos, não ha meios de os poder espalhar ás mãos cheias pelo povo, que em compensação conhece o *Rocamboles* e a reportage infamissima que sobre crimes e vida privada quotidianamente lhe subministram nos jornaes uns figurões que lá dão a nota de grosseria d'instinctos de povinho, e do estado intelectual e moral das classes dirigentes. Se alguem pergunta porque é que a Academia não divulga em edi-

ções baratas esses bellos livros de educação publica, tabernáculos da gloria portugueza, ninguem atina com resposta a dar, satisfatoria. Que faz, para que serve a Academia? Não ha vestigios da sua ação na vida colectiva. E' uma agencia de sonnabulos parasitando na gloria de traduzir em vasconço os reclames das farmacias estrangeiras.

4º—Aos remedios que cito conviria juntar esse outro de se desenvolver e alargar o mercado literario pelas colonias migratorias da Africa, da India e da America (Brazil e Estados Unidos do Norte), onde achariamos valiosos nucleos de nacionalidade portugueza, dispostos e atentos sempre para a vida da mãe patria, como os possuem e exploram os hespanhoes em todos os cantos do mundo onde a sua magnifica lingua se fala.

Subindo de dois ou tres mil, a vinte mil o numero d'exemplares vendidos duma obra d'escriptor portuguez de certo cunho, o que não seria espanto, alargando-se a cultura publica e o amor do livro, já a independencia moral e a liberdade d'ação dos homens de penna seria coisa de contar. Uma e outra se escóram, em sociedades comodistas como a nossa, primeiramente sobre a força defensiva do dinheiro, que não é tal um metal vil como os pelintras dizem, senão um maravilhoso sangue rutilo e forçoso, bom ou máu, segundo a mão que o junta e o espirito frutifero que o espérge; e em segundo logar na convicção formal do papel alto que exerce quem paira acima duma grande *élite* social, subministrando-lhes idéas ou planos de conducta, interferindo-lhe nos destinos, gniando-a d'alto, no meio dos respeitos duma turba convicta, unica que marcha, pois sem convicção não ha obra perduravel. O dinheiro é, nestas sociedades que assediavam pela fome, o perservativo mais forte contra as tentações malsãs do espirito e do corpo. Por detraz da muralha que elle apruma, constróe o homem o seu ninho defezo ás algarradas da inveja traiçoeira. E' necessario dal-o a ganhar a quem trabalha, e em dóze do trabalho ser um prazer vital, nunca um ergastulo, e da obra da civilisação ser uma obra d'alegria, preenchida nos evolés da iutelligencia e na hilariancia da robustez intacta e triunfante.

Ora, uma coisa pergunto a uim mesmo: porque é que recebendo entre nós, por exemplo, o pintor, o escultor, o architecto, dois, quatro, seis contos de réis por uma obra que, como dispendio mental e duração de trabalho, equivale, no melhor caso, o livro dum novelista ou a peça dum dramaturgo, não hão-de estes ultimos ser pagos pelo estalão daquelles, continuando na ignominia de produzir vo-

lumes e peças que os editores e os theatros pagam, termo medio (e sempre a escriptores de nome feito) pela miseria de dois ou tres centos de mil réis, regateados?

Acaso não é o trabalho literario uma elocubração d'essencia superior como o artistico? Não vale o livro a estatua, o quadro, o edificio? Porque hão-de então os escriptores ser as victimas do publico que preocupam, instruem e divertem? e porque ha-de a sua vida professional resvalar, para os que insistem em viver da penna, numa miseria humilhante e numa dependencia despreziva?

O resultado deste ostracismo injusto é o seguinte: os escriptores de talento, se pôdem, mudam d'oficio, vão-se, porque a escrever ninguem lhes garante a gerarchia; e se não pôdem nem teem coragem para abordar as labutas da vida d'ação, acabam por amordaçar uos restos d'altivez, por curvar a cabeça á canga, por aceitar os pequeninos mistéres da literatice comezinha; revistecas de damas charadisticas, juizos do anno e contos de meia libra para suplementos literarios, campanhas de *moralidade* ou difamação pessoal por conta de terceiros, ou sobre o Joelho comedias e novelas que os colegas reclamam, os editores pagam aos poucos, e toda a gente manda passar.

Trata-se de creaturas com representação social no meio, que é exigente, e que para haverem o necessario, salvo uma ou outra, farão tudo, principalmente se tudo lhes fôr pedido sem melindre das fórmulas e apparencias, que é do que em Portugal quasi toda a gente se preocupa. Vae nisto uma cobardia de caracter, uma falta de coordenação moral que logo dão a rez comunitaria preferindo os internatos da familia, da secretaria, do regimento e do partido politico, que a dispense do esforço de ganhar a vida, aos nobres impetos e aventurosas occurrencias da vida d'iniciativa, onde o homem responde pelo que faz, e todas as ancias do espirito encontram livre expansão para exercer-se.

Em geral, todo o trabalho mal pago leva a desestimal-o o proprio obreiro, que acaba por falcatruar o producto, augmentando, para ganhar o preciso, á custa da qualidade, a producção. E' o que frequentemente succede neste areal de litteratura portugueza. Escriptores dos ultimos tempos, vivos ou mortos, não direi todos: os que insistem em viver da escrita suam livros á hora, de fancaria chilra, para publicos sem critica, nos quaes se é deploravelmente ferido por um industrialismo pífo e por uma falta de sinceridade e independencia. Outros que derivam no jornalismo e na politica, para ganhar a vida, emquanto o premio gordo não chega, fazem indistiu-

ctamente tudo, reportage, artigos de fundo, obstrucionismo, discursos, relatorios, e inutilizam-se numa banalidade que lhes não deixa migalha de faculdade resistente.

O proprio grande Camillo, que é a maior gloria litteraria do seculo, incluindo Garret, teve de produzir quasi sempre em condições mercenarias, obras d'improvisação instantanea, mesquinhas para o seu nome, pagas a vinte e trinta libras por mariolões d'editores que fingindo protegel-o, o exploravam.

Pois a menos que o pobre auctor não tenha comsigo um principio iudomito que o faça ao mesmo tempo auctor e publico, juiz e réo do que prodúz, (facto em Portugal tão raro, que bem se pôde dizer que não existe) a verdade é que tudo contribúe entre nós a abandallar o talento e tornar a profissão d'escrever unma especie d'atafona para desclassificados sociaes.

Não ha critica que refreie os desmandos e dê a média da tendencia filosofica pairante.

Criticos são os amigos, os inimigos, os compadres ou os cúmplices. A diatribe ou o reclame suprem, por via de regra, sobre a obra, o artigo analytico. Qualquer pequeno exito suscita invejas que se traduzem em difamações de café e crapulosas verrinas de jornal. Como a bohemia das letras não pede folha corrida aos que a frequentam, acontece insinuarem-se na turba dos escrevinhantes, alcatéas d'aventureiros que a título de proletarios da intelligencia e paladinos da justiça, são apenas matoídes insofridos e mestres cantores de profissão.

Apar de não haver critica, não ha publico. Como já disse, em Portugal ninguem lê, e raros são lucidos, os poucos que soletram, porque quasi todos sofrem duma falha cerebral do instincto esthetico, quasi todos carecem de vida ideal, e dir-se-hiam sonnabulos, fóra dos seus negocios ou dos seus flatos.

Ora, sem publico e sem critica, isto é, sem dinheiro que izóle o escritor das dependencias do pão quotidiano, e sem espirito filosofico que prenda o livro efemero á consciencia social e á obra da civilisação, nenhuma litteratura poderá viver vida liberta, e acontece o que entre nós ha muito se vem dando, venho a dizer que salvo o caso duns tantos, escriptores portuguezes são directa ou indirectamente os serventuarios frivolos de dez ou doze despotas grotescos que fazem tudo em Lisbôa, este porque acena com logares, aquelle porque acena com candidaturas; um, por ter a orelha do rei; o outro, por ser dono ou *comis-voyageur* d'empresas poderosas.

O homem melhor armado d'energias, talentos e diplomas, se acaso aspira a um posto qualquer, humilde ou

alto, fica sem elle por força, se exclusivamente o confia da justiça, em vez de rojar-se á protecção d'algum dos dez ou doze grotescos mandarins. Ora, como sem a chancela deles nada se apanha, acontece que pra lhes ganhar as graças ha que lhes sofrer primeiro o cerimonial de vice-reis; e cuidado que as palavras que digas, as opiniões que tenhas, a prosa que escrevas, os camaradas com quem andes, não vão desagradar á presidenta hermafrodita, ao maricafédes da côrte, ao chefe de partido ou ao chefe de serrallo, pois molesta o magnate, passarias o resto da vida por secretarias e concursos, afogado em papel selado e vendo passar-te por cima todos os acomodaticios sarrafaças da mesma pretensão.

Quem de perto examina a estrutura dos nossos grupos politicos e maneira como em todos os quadros officiaes se vêem fazendo ha muito as provisões, présto repara na quasi completa ausencia do elemento intellectual nos cargos dirigentes. E' uma guerra d'esterminio feita pelo elemento official, discursador, bacharellesco, ao elemento intellectual, que em todos os paizes costuma ser preponderante. Provirá de não existirem verdadeiros intellectuaes em Portugal, ou deles se terem deixado apagar e vencer pela esperteza mercante do cacique e filho de cacique que lhes foi tomando o passo a pouco e pouco?

Olha-se para a bancada dum ministerio, não se vê ninguem que os livros elevassem, um escriptor, um grande professor, um jornalista d'idéas, um cerebro d'excepção creado pelo poder ascencional do proprio cerebro — é tudo bacharelotes de provincia, dentistas de carro com a velhacaria pathetica da escola discursal da Porta Ferrea, sujeitinhos astutos, cynicos, poupados, que fazem da carreira politica um internato, como o dos militares e o dos amanuenses, com a agravante, porém, do pulso livre, que é por onde a candonga do officio rende, e por onde a promoção ao generalato mais depressa arvora o titere em gigante. Nas circumjancias do rei, a mesma aridez de cácos ressecos, a ponto d'effectivamente parecer que s. m. deteste os intellectuaes que não cantem o fado ou saibam ficar indifferentes ás suas petas athleticas e ás suas pescas milagrosas.

O rei d. Luiz, que, fôsse o que fôsse, tinha ainda a bôa sombra dum príncipe, sabia, por suas predileções de literato e astutas ronhas, ir buscar o cerebral onde o topasse, e fazer dele ao menos um camarada de cavaco, quando não podia tornal-o em seu adépto. Era ainda o tempo em que a historia dos reinados se escrevia em frases menos sumarias do que a que costuma dizer o papagaio, e em que

na enxurrada dos politicos, d'envolta aos nomes dos ultimos marinheiros e militares das revoluções e guerras liberaes, brilhavam os dess'outra gente feita nas batalhas da cathedra, do livro e do jornal, que melhor ou peor fôram Magalhães Coutinho, Mendes Leal, Latino, Chagas, Fradesso, Aguiar, Antonio de Serpa, Corvo, João Chrisostomo, Marianno, Thomaz Ribeiro e tantos outros amigos pessoases do rei, que ao recebê-los não folheava a lista negra, nem lhes cozia ao peito veneras com que secretamente se gabava de galardoar poucas vergouhas. Em nossos dias, posto o monarcha inda seja, no dizer das mensagens, um sabio, e homens de todas as categorias exornem de brilhos pulchros o throno de Salomão rei dos Algarves, o certo é que só os d'acentuado typo cerebral faltam na ronda. Bastantes livros nacionaes tomam, estou certo, com dedicatorias ofuscantes, o caminho dos paços: ha pouco, certa novela de capa branca, remetida de vespera, teve a fortuna de servir d'alvo ás pontarias reaes, num dos palacios...

Um periodista inglez vindo pelo centenario da India a Lisbôa, dizia-me á volta de Cascaes, onde fôra visitar a cidadela:

— A residencia real é modesta e sympathica; gostos d'artista sem a menor ostentação; certo, habita o logar um espirito inteligente... porém...

E como eu levantasse os olhos ao adverbio duvidoso, o homem, calmo:

--... para que deixar ver a estrangeiros, no gabinete do rei, rumas de pornografia franceza, romances de porcarias, leitura de *cocotte*, que nem sequer teem espirito e dão, na mais favoravel hypothese, uma idéa tão futil do character?

Olhando bem para dentro do espirito das coisas, vê-se que por um lado a intellectualidade portugueza, sem papel, numa quadra de mercantes e fura-vidas, foi-se abandonando e cahindo té ao nivel rasteiro em que se vê, e por outro lado, numa sociedade fuudada de roda e a imitação do parasitismo duma familia, o elemento psychico, propositada e laboriosamente expurgado da direção superior do paiz, não convém torne ao comando, o que importaria a remoção do monturo a que já alguem no parlamento chamou «Sublime Porta».

Ao rei não convém que esse elemento intellectual tome o governo, pois o pouquissimo que existe, e o que viesse, não fariam senão diminuir-lhe a intervenção pessoal e enfraquecer-lhe o poder, que está sendo uma das chagas da nação. Tam pouco estes oitenta e tres por cento d'analfabetos são, pois, a garantia mais solida do systema; bulir-lhes é atentar contra as instituições, porque o mons-

tro podia acordar com veleidades de partilha, e o burguez regalão não quer restituir o patrimonio que furtou.

Como salvar então o paiz deste marasmo lugubre que o morde?

Começae pelos intellectuaes.

Libertae-os da servidão do memorial, da servidão do chefe politico, do banqueiro, do prégnista, da casa de hospedes, do proprietario de jornal e do editor — de todas as peias de conveniencia, acquiescencia e subserviencia que em Portugal prendem os braços e inutilisam em massa gerações de pobres diabos. Libertae-os da literatura franceza que elles pasticham e que os corrompe, pedindo aos nossos amigos inglezes, uma vez que o lusitano não crea e tem de ser, perante os frutos da civilisação, uma especie de macaco imitador, a unica coisa que a aliança saberia dar-nos d'util, isto é, em aprendermos dela um certo numero de praticas de vida, a vigorosa hygiene, o culto heroico da força, a tenacidade no esforço, a poesia do amor casto e fecundo, o cultivo d'idéas, poucas mas d'escolha, e finalmente esse forte sentimento de solidariedade civica que leva o inglez a fundar a Inglaterra onde quer viva — que tudo isto vislumbra na literatura dos seus romancistas, ensaistas e filosofos, e são virtudes de raça a que esse grande paiz deve o melhor da sua hegemonia mundial, e nós bem poderíamos dever á hombridade que nos falta, e a cessação deste feitiço de moiros sordidos e de mulatos libertos que o estrangeiro adivinha até no portuguez civilisado. Fazei o trabalhador da pena, independente, desamarrado dos interesses e dos affectos, apto a ver d'alto a vida e os seus assumptos: que só assim cabeças fortes pôdem gerar idéas sãs, e a intellectualidade logra retomar nas sociedades o seu logar de força dirigente. E a reintegração do pensador e do escriptor no papel de *meneur* de turbas amorfas, só nesta terra o dinheiro a poderia iniciar.

Subir na pága em guiza do trabalho das letras ser em Portugal vida vivivel, é dar principio a uma éra de regeneração social muito de ver. Não pela literatura e sciencia presentes, que, aparte uns nomes, é a mais triste pagina d'incuria, mas pelos que partiram e poderiam voltar, e ainda principalmente por esse numero maior dos presentes e futuros, que cerebralmente aptos a dizer algo, preferirão calar-se e imergir noutra genero de buscas laboriosas, ou quedar-se em fundos silenciosos de sonho, indifferentes á bestificação crescente da volta, como esses deuses de pedra que com um gesto pôdem sustar a ruina de cidades, e todavia gozam, na imobilidade olympica, o seu formidavel dom destruidor. Subir na pága, equiparar, por exemplo, a féria dos escriptores á dos escultores

e architectos, á dos embaixadores e consules geraes, que já assim o trabalho d'ideias será uma occupação alegre e digna dos degenerados superiores que os avanços da vida teem collocado, como chefes e augures, na testeira dos povos progressivos.

... ..
FIALHO D'ALMEIDA.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria
— A retirada commoda de vinte mil
paraguayos—Paralysis da esquadra.*

A primavera já se acercava do seu termo, e o sol dardejava raios mais a prumo sobre as nossas blusas de baêta vermelha, que ao pino do dia nos queimavam por aquelles campos desolados, onde as forças de Robles e de Resquin tudo destruíram.

Havíamos deixado muito atrás o rio Santa Luzia e nos approximado da margem do Paraná. A situação do exercito melhorára consideravelmente pela facilidade das communicações. Costeando o grande rio, a pequena distancia, fazia-se facilmente o abastecimento de viveres e de tudo que precisavamos. Passámos para a vanguarda dos alliados. Estavamos em fins de novembro e, havia quasi um mez, o territorio da provincia de Corrientes ficára limpo de inimigos. Cerca de vinte mil paraguayos, conduzindo mais de cem mil cabeças de gado vaccum e cavallar e algumas centenas de carretas carregadas de despejos das estancias e povoados correntinos haviam se recolhido ao seu territorio tranquillamente, cruzando, sem ser incommodados, o rio nas proximidades do Passo da Patria. Retiraram, antes, em vapores, a artilharia que haviam assestado nas barrancas do Paraná e, em vapores tambem, embarcaram tropas na cidade de Corrientes, que evacuavam.

A nossa esquadra, entretanto, mantinha-se inactiva, dormindo, a somno solto, sobre os louros que colhera em Mercedes, Cuêvas e Riachuelo, onde ficou aniquilada a paraguaya e assegurado completamente o dominio das aguas aos alliados.

A falta de praticos do Alto-Paraná e a vasante do rio fôramos obstaculos, ou as desculpas para justificar-se a inacção dos nossos navios. Quando discutiamos no acampamento esses acontecimentos, que se nos afiguravam inexplicaveis, appareciam objecções, como estas :

—Si o rio estava baixo, porque a esquadra chegou a Corrientes logo depois do embarque de Resquin ?

Outros diziam que as sondasezas substituiriam muito bem os praticos.

Em principios de novembro, os nossos navios de guerra fôram até á confluencia do rio Paraguay, e, poucos dias antes, haviam as forças inimigas passado o Paraná, alguns kilometros acima.

Tinhamos atravessado rios fundos, como o Santa Luzia, e muitos arroios grandes, que vadeámos com aguas pelas caronas e, ás vezes, com pequeno nado.

Na passagem do Riachuelo, tivemos o desgosto de perder um companheiro muito estimado pela cultura do espirito e qualidades moraes—o 2º tenente Dionysio Elisario Pereira, bahiano e membro de uma familia distincta pelo talento. Victimou-o uma febre maligna e lá ficou para sempre o esperançoso moço, cuja morada ficou indicada por uma tosca cruz de madeira.

Quando passámos o arroio Empeadrado, lembro-me bem, o céu ficou negro e o dia escureceu de repente. Desciam até ao horizonte, que se avizinhára muito, grandes nuvens semelhantes a cortinas, que se moviam agitada por vento, que ainda não sentiamos. O calor era abrazador e o ar, que respiravamos, pezado e asphyxiante. Armámos rapidamente as barracas, sem *couraça*, já apodrecidas junto ás alças e cobertas de môfo da humidade constante de tantos mezes. Ziguezags luminosos correram rapidos pelo espaço e logo o trovão ribombava sobre nós atreador; a ventania furiosa sacudia os nossos pobres abrigos vacillantes e a chuva caía em gotas immensas, capazes de molhar um homem cada uma e em saraiva, açoitando violenta as garupas dos nossos magros reítuos, que voltados contra o furacão, tremiam encolhidos com as cólas entre as pernas. Em pouco tempo, clareou o dia; fôram-se as nuvens, appareceu o sol e a natureza parecia sorrir de novo áquelles milheiros de homens, que supportavam, ardentes de entusiasmo todas as privações para irem destruir outros homens, que elles não conheciam, e cuja culpa era a obediencia cega que votavam a um chefe de Estado atacado de megalomania.

Em dezembro, si bem me recordo, chegámos á Lagôa Brava, um dos acampamentos de recordações mais vivas para todos, que pertenceram ao corpo de exercito de Osorio. Estavamos perto da cidade de Corrientes e fomos reforçados por grande numero de corpos de voluntarios, que tinham subido, embarcados, o rio Paraná. Muitos eram da bemdita terra onde tive a felicidade de nascer e que nunca deixon de alimentar o patriotismo dos seus filhos, festejando sempre de modo entusiastico as datas gloriosas da sua historia. Fui visitar os acampamentos dos recémchegados e encontrei muitos amigos, mens collegas de collegio, que vinham partilhar da nossa

vida honrosa, como officiaes de voluntarios e cirurgiões do exercito. Entre elles, estavam o Arthur Rios, o Arsenio de Souza Marques, o Satyro Dias e muitos outros, que prestaram depois serviços relevantissimos á patria. Havia entre os voluntarios, um corpo de uniforme estranho: — «largas bombachas presas por polainas que chegavam á curva da perna, jaqueta azul, aberta, com bordados de trança amarella, guarda-peito do mesmo pauno, o pescoço limpo sem camisa nem gravata e um *fez* na cabeça. Eram todos negros e se chamavam — *Zuavos bahianos*. Tinha os seus officiaes *negros* como elle. Passados poucos dias, fôram dissolvidos e mandados addir a outros corpos. Muitos passaram a serventes dos hospitaes. O general em chefe teria podido tirar um grande partido daquella gente forte, destemida e brava; mas não o fez por não se lembrar talvez, naquelle momento, do heroismo e dos altos feitos com que os immortaes terços de Henrique Dias, o grande capitão negro, illustraram a historia patria. Confesso, ainda hoje, depois de quarenta annos, este acto do general produziu desgosto indizível ao meu coração de bahiano.

O Passo da Patria distava de nós uns vinte kilometros apenas. Batiamos ás portas do inimigo e precisavamos estar promptos para accommettel-o. O exercito se organisava. Cada uma das armas de infantaria e cavallaria tinha as suas divisões compostas de duas brigadas pelo menos e estas constituídas, no minimo, por dois corpos. A artilharia estava á parte. Não havia brigadas mixtas.

Nos quatro mezes que passámos até á invasão do Paraguay, poderia o nosso querido general, que fôra um dos grandes chefes da nossa famosa cavallaria, ter feito a remonta dos corpos desta arma e engordado a cavallada com forragem, que se obteria facilmente. Nada se fez, entretanto, e passámos o Paraná com grande parte da cavallaria a pé.

O calor na Lagôa Brava era de matar; as moscas, de entontecer. A' noite, os mosquitos nos perseguiram em bandos e o suor corria-nos em bagas a todas as horas. Mandámos fazer uma ramada. Nos esteios armavamos, como rêdes, as nossas *cinchas*, e deitados nas barrigueiras, com a cabeça apoiada na argolla do travessão e os pés cruzados sobre o latego, palestravamos meio suffocados—o Amarilio, sempre muito córado; o Costa Mattos, contando casos do Icó; o Eugenio de Mello, puchando e affagando a pêra precoce e farta, e eu, o mais moço de todos, no meio daquelle borborinho dos campos, com saudades do meu pae, da minha mãe e dos irmãos, que não via, havia tanto tempo, saudades avivadas pelos amigos que tinham chegado da Bahia.

O Saturnino, meu correspondente, dava-me, regularmente todos os mezes, as duas libras de mezada e o nosso rancho, com a visinhança de Corrientes, melhorou um pouco, mas por um ou dois dias sómente. Já estávamos aborrecidos de tanto churrasco duas vezes por dia, com a farinha apanhada na ponta da faca e o chíuarrão por cima. O Quintiliano, que era veterano da campanha do Rosas e nosso cozinheiro, variava de vez em quando com um fervido de costellas ou de *picanha* e um pirão de farinha mofada que o Costa Mattos denominou — *engasgagato*. A's vezes, muito raras, tínhamos um pouco de arroz. Os nossos extraordinarios eram bolachas duras como taboas, e que poderiam, em caso de necessidade, servir de metralha, e alguma lata de sardinha de Nantes, que custava preços fabulosos. As moscas eram tantas, que difficilmente o bocado nos chegava á bocca sem uma dúzia dellas. Lembro-me bem de um companheiro, que cansado de dar-lhes combate e desanimado com a multidão infrene, resolveu machucar no pirão ou no arroz as mais impertinentes e tragal-as. Vi-o nma vez tomar duma chicara de ferro estanhado, cheia de vinho Carllose, muito zurrapa, comprado numa carreta proxima, e bebel-o coando nos dentes a massa de moscas que o engrossavam, cuspiendo-as depois. Acompanhava todas aquellas extravagancias com ditos chistosos, bôas gargalhadas e uma philosophia *sui generis*. Dizia que o mosquito da fabula pôde com o leão, mas que as moscas da Lagôa Brava não poderiam com elle. O Chico Neiva, nosso companheiro e amigo, da infantaria, bom observador e espirito *altamente philosophico*, descobriu que as moscas fazem uma excepção á lei universal de Newton. Dizia que todos os corpos não obedeciam á attracção da Terra, não caíam para o seu centro, como se acreditava, porque as moscas haviam sujado o tecto da sua barraca pelo lado de dentro. Outro dizia, para contestar-lhe a affirmação, que ellas forneciam ao contrario uma demonstração concludente da grande lei, porque nós as attraíamos de um modo assustador, apezar dos protestos das nossas mãos e da nossa vontade, e, apontando para o commandante que abanava com frenesi, exclamava—soffre mais do que nós, porque é o maior de todos e a attracção é na razão directa das massas. Bebiámos a agua de uma lagôa proxima, que além de saber a macega, era intoleravelmente quente. Quente por quente, dizia o Costa Mattos, bebamos matte, que é saudavel e gostoso. Havia um official do regimento, que então nos fazia muita inveja — o Severiano da Fonseca, que foi depois marechal e barão de Alagôas, um dos sete gloriosos filhos da veneranda d. Rosa.

cuja casa era um quartel general e um lar amigo a todos os militares, — da grande vellinha, que soube inflamar a alma dos seus filhos illustres com a chamma do amor á patria, que lhe abrazava o coração de brasileira. O Severiano era um official correcto, bom e estimado de todos pelo seu valor, erudição, amor á disciplina e grande bondade. Tinha immenso prestigio entre os seus camaradas. Os superiores lhe queriam, porque contavam com elle para os grandes lances, e os subordinados sabiam que jámais lhes faltaria com a justiça. Elle, o illustre official de artilharia, fazia-nos inveja.

Nós bebiámos agua quente, que iam buscar aos banhados nos cantis. Elle, o feliz, o previdente, o experimentado, mandára fazer um grande sacco de lona, que pingava suspenso na ramada, cheio d'agua fresca. Era o unico, e, por isso, nós, os cadêtes, tínhamos inveja delle. Bebia nma só vez, uma só, aquella agua fria, e, de vez em quando, lauçava para o sacco longo, branco, molhado e cylindrico, um olhar de indefinivel cubiça, quando a saliva engrossava e a sêde accendia-se pelo suor, que caía em bategas copiosas.

Um dia, á tardinha, estávamos nas baterias, olhando para o carretame do transporte para as bandas da rectaguarda, quando vimos grande clarão e, logo após, um estrondo medonho. Uma columna immensa de fumo alvadio subiu a grande altura e, com ella, rodas de carretas, caugas, couros e milhares de destroços — até humanos. Corremos todos. Tinha sido uma explosão nas nossas carretas de munição. Alguns homens morreram; outros, ficaram horivelmente queimados, mas o immenso transporte salvou-se quasi todo, graças á coragem e á dedicação dos nossos soldados, que se arrojaram impavidos no meio daquelle turbilhão de chammas. Bôa gente a nossa, abnegada, intrepida, soffredora, renitente, sóbria e sempre alegre.

Alguns dias depois, mudámos os nossos arraiaes para o Tala-Corá. Estávamos já em pleno estio.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A CASA N. 67 DO LARGO DO ROCIO

Si fôramos Wolney, contemplando as ruinas desta cidade, que váe rediviver amanhã, como a Phenix, que renasce das proprias cinzas, evocaríamos o *grande* Arbitro para resolver que o futuro presidente da Republica fôsse o dr. Passos.

Em algumas semanas, elle a teria demolido até os fundamentos, levantando sobre os seus escombros uma

nação de 21 andares, airosa, granítica, aprumada, para affrontar os vendavaes da politica e as formigas do estrangeiro, que solápan o nosso futuro; especie de Pantheon com ascensores côr de roza, presidentes de cem kilos com ministros bem lixados sem nenhum verniz, o parlamento sem cachos.

Passos, de picarêta erguida, ha de ser, na posteridade, a imagem de Saturno, destruindo para renovar, consumido para produzir. Ha de ter uma estatua, e, nos seculos, nenhum peregrino perguntará de quem ella seja; que elle tauto se eternizará em effigie como em reputação.

Mas tudo que enthusiasma segue o seu curso, tambem semeando pezares.

Foi Passos quem fez desaparecer, por inteiro, a pequena casa, de um só andar, n. 67 do antigo largo do Rocio, contigua á secretaria do Interior. Váe ficar desfigurado o espaço, que ninguém advinhará, quem viven alli, e que coisas alli se fizeram, e como aquelle local foi largo tempo laboratorio das conspirações, intrigas e manejos da politica inicial do Brazil.

A pequena casa era habitação do senador padre José Martiniano de Alencar, que collaborou na resistencia do golpe de Estado de novembro de 1823; foi no 7 de abril, com José Custodio e outros patriotas, quem mais empurrou o throno até desviar-se; quem em 1842 deu alma e vida aos... *Invisiveis*; quem levou a vida inteira machinando coisas que atordoaram as gerações.

Esteve nas cadeias da Bahia em 1817 foi á Coustituinte de Lisboa, influiu nas torturas da do Rio-de-janeiro; presidiu os Carvallistas em Olinda e poz o sello das suas manchas no movimento armado do Ceará, em 1824, o qual produziu tantos combates e, no fim, o patibulo, em meio de uma caçada de homens para os açougues da Cisplatina, e em meio de uma peste que matava por milheiros na terra desolada do Ceará, que a fome enchia de esqueletos perambulantes de mão estendida, olhos vertendo lagrimas.

Alencar, escapo em Quixaba, do punhal de sicarios, que já o tinham por morto, completou uma das mais penosas viagens, surgindo no Rio, depois de atravessar os asperos sertões do Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas, até Marianna; dalli, até Praia-Grande!

Repouzou? Não.

Voltou ao Ceará, respondeu pelos seus crimes politicos, perante o tribunal de sangue de Conrado; e, absolvido, regressou, para ser aqui parte grande na quéda do primeiro Imperador e estar ao lado de Feijó, outro padre, que tinha de ferro as duas mãos, em quanto elle tinha sómente a esquerda, que a dextra era de sêda. Consorciado com Feijó na idéa da sup-

pressão do celibato clerical, fazia de Aman da côrte regencial, e sentava-se na cadeira do marquez de Aracaty, que elle empurrára, fazendo perpetuar-se em Lisboa, para onde tinha seguido a Pedro I.

E ateava o fogo no Ceará, impellido Pinto Madeira, seu poderoso inimigo, a lançar mão das armas até subir ao cadafalso depois de muitos e sangrentos embates.

Recebendo do seu irmão espiritual a investidura de presidente daquella provincia, Alencar partiu para alli, ouvindo do regente tonsurado esta despedida funesta: «Sr. Alencar, si apanhar Pinto Madeiaa, mande fuzilar».

Foi fuzilado.

Ninguém fez mais, ou fez tanto nas convulsões por que passou o paiz desde 1817, durante os primeiros quarenta annos da nossa existencia politica.

Alencar foi o conspirador mais notavel do Brazil, mas ao ministro Sapucaly, que ouzou dizel-o no Senado, em 1842, puniu immediatamente com uma bofetada no proprio salão.

Lynce, vendo através as montanhas, aguia enclergando da maior altura, Alencar era tambem materialmente um bravo homem e provou no combate de 14 de dezembro de 1840 em Sobral; mas ninguém carecia tanto de coragem civica, como exprime a sua carta, dirigida de Marianna, ao Imperador, em 1825.

Foi na casa que o dr. Passos reduziu agóra a *ubi Troya*, que se concertaram o *23 de Julho* e a fuga audaciosa de Pedro Ivo em 1849, — disse Macedo, o da *Moreninha*, ao auctor destas linhas.

Sim: passaram-se grandes mysterios entre aquellas quatro paredes, que cederam á picareta da civilização e do bom gosto, mettida nas mãos do dr. Passos, cuja bôa fortuna o fez agente glorioso do velho Saturno; mas convirá deixar dellas um padrão para memoria dos vindouros; seja um *Pater graphado* em rocha, um *Requien* burlado em bronze.

Muitos homens se deleitam de olhar para trás. Por trás nos fita a historia e esta carece dos monumentos.

Si tiveramos a immensa gloria de ser o dr. Passos, não passaríamos por sobre o passado.

Na casa de José Bonifacio, de Rocha, de Evaristo, de Léo, de Feijó e de tantos outros vultos da Independencia, iríamos deixando um signal, e os archivos publicos havíamos de pejar de plantas, planos e desenhos das ruas e casas que se esborôam, afim de que, si, um dia, tivermos Victor Hugo, possa elle reproduzir a *Notre-Dame*, dizendo quantas janellas tinha cada casa, quando nos deixou Pedro II, de perpetua e casta memoria.

J. BRIGIDO.

O ALMIRANTE (54)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

Oscar ergueu-se, percorreu toda a sala, a largos passos, até á porta que dava para o terraço, aberto sobre o parque. A marquezia acompanhou com o olhar fixo, absorta pela idéa fixa de penetrar-lhe o coração, desconfiada de que elle sómente lh'o revelasse em parte, reservando nos intimos recessos sentimentos reconditos, disfarçados em manifestações paradoxaes. Num desses refolhos, estaria Dolores com a sua omnipotencia de mulher amada, imposta por um capricho do destino, a que elle se submettia com a passividade de fatalista. E não se podia consolar á idéa de que outra mulher predominasse naquella creatura que lhe deveria obedecer com docilidade filial, servil-a, adoral-a com illimitada dedicação.

Quando Oscar volveu, ella lhe disse:

— Sabes que Dolores passa por tua amante?

— Tu bem sabes que isso não é verdade — responden Oscar, com certa vacillação, não disfarçando a impertinencia dessa imputação calumniosa — Já te disse que Dolores me prestou um serviço que gerou em mim um sentimento de gratidão e... nada mais.

— Entretanto, conforme as tuas idéas, serias muito capaz de anal-a, de te deixares empolgar pelo delirio dessa paixão insensata, de te perderes, emfim, porque seria o maior obstaculo ao teu futuro.

— O meu futuro está previsto, está subordinado ao tempo; dependerá de subir lentamente em promoções até ao supremo posto de almirante. Seja en o mais puro dos homens ou um peccador endurecido, isso não influirá na minha carreira.

— E as tuas aspirações, os serviços que a patria tem o direito de reclamar de ti, da tua capacidade?

— Eu os prestarei com lealdade. Quanto ás minhas aspirações... Nem sei que te diga. Ellas são vagas, tão mal definidas.

— Mas eu tenho o direito de creal-as, de oriental-as, como te criei e te dirigi, com acerto, nos primeiros passos da existencia.

E adquirindo inopinado ardor, a marquezia ergueu-se, apoiou sobre os hombros de Oscar as mãos nervosas, e, fitando-o com olhos resolutos, inflamados de energia, continuou num tom de injuncção, de meiguice, em que se confundiam o imperio da mãe e a paixão da mulher contrariada:

— Tu não és meu, Oscar, sómente meu, como eu desejaria. Sinto que me foges, que me evitas, que não me abres, sinceramente, o teu coração.

Apezar dos teus protestos, percebo que as tuas palavras de ternura teem uma frieza de lamina a cortar o teu affecto filial de outr'óra. Tu não és o mesmo, o meu dever querido; não me dizes a verdade. Eu te perdoaria todos os desvios do Oscar, todas as loucuras contanto que m'os confessasses.

— Que loucura, mãesinha! — murmurou Oscar, surprehendido.

— Será uma loucura, mas é o fructo amargo de uma suspeita cruel a envenenar-me o coração. Dolores te ama; collocou-se deante de Amelia para eclipsal-a, para que não a vejas como ella é altiva e bôa, discreta e carinhosa, intransigente e sincera. Pois bem: sabes o que é essa mulher, até onde desceu? E' um espião miseravel desse governo de aventureiros, dessa gente que estás servindo com abnegação digna de melhor objecto. Tu conheces as minhas idéas; sabes que sacrificarei tudo, a minha fortuna, a minha vida, ao meu unico ideal neste mundo, a restauração. Eu e Dolores estamos em campos oppostos. Eu sou a tradição honrosa; ella é a demagogia revolucionaria velipendiando a nossa patria.

Oscar vacillava interdito, por essa explosão inesperada.

— Disseste-me que não pouparias sacrificios para me obedeceres: chegou o momento de me provares que eras sincero... Ha uma conspiração.

— O governo sabe disso — acndiu Oscar.

— O governo sabe por informações de Dolores que nesta casa se trama contra elle; mas está illudido. O golpe partirá de outra parte e eu conto contigo...

— Commigo? Não vês que será uma iusania, uma aventura desastrada?...

— Tu me prometteste, tenho a tua palavra.

— Mas eu nunca poderia pensar que te passasse pela cabeça esse projecto absurdo, inviavel, que nos arriscará sem vantagens.

— Seja como fôr, tu não me negarás o teu concurso. Venceremos; todas as medidas estão tomadas para nos assegurar a victoria, e tu, meu Oscar adorado, tu serás o homem predestinado, o homem indicado para transmitir o poder, a corôa aos nossos legitimos soberanos. Está ali o teu futuro. Surgirás como um herôe, como um benemerito.

Cortado de estupor, Oscar se manteve num silencio affectivo, enleado nos braços da marquezia, que o beijava numa vehemente expansão de ternura supplice, irresistivel, dominadora, repetindo num tom commovedor:

— Não; não abandones, meu adorado filho, a tua mãesinha. Tu sabes que esse governo que ali está não pôde durar, não tem raizes no coração do povo, cairá mais cedo ou mais

tarde: aproveitemos o ensejo que se nos depara para derribal-o. Será uma honra para nós, será um acto de patriotismo apressar-lhe a destruição.

Deante dessa crescente exaltação, Oscar não ouzava objectar: ouvia, sacudido de afflicção, de espanto, aquellas palavras em que a ternura, o odio, se combinavam numa eloquencia seductora, pleiteando a idéa fixa, dominante, no cerebro da marquezia.

-- Demais, — continuou ella, sorrindo com desenvoltura pueril, animando-se em gestos rapidos, em movimentos de casquillice, que lhe perturbavam as linhas graciosas, as attitudes dignas e erectas do seu bello corpo aristocratico — não ha para nós perigo immediato, nós não appareceremos sinão no momento opportuno; seremos a alma, o pensamento desse movimento executado por gente resoluta, incapaz de nos traír. Elles tomaram todas as medidas para o exito completo dessa revolução pacifica, que não custará uma gotta de sangue, tanto tem o governo alienado dedicações, o concurso dos mais fanaticos, descontentes ou desilludidos.

A marquezia foi interrompida pela apparição de Sebastião á porta que dava para o vestibulo.

— Quem é? — perguntou ella.

— Um senhor que deseja falar com vossa excellencia.

— Commigo?

E tomando um cartão que o chacareiro lhe estendia, estremeceu apavorada.

— Espera-me um instante — disse, voltando-se para Oscar, que permanecia anniquilado, com as mãos immeras nos bolsos das calças.

(Continúa.)

ARMADA NACIONAL

A intervenção da armada na politica. — A administração Wandenkolk. — O almirante Mello. — Seus relatorios.

Deu-se francamente a intervenção da armada na politica geral do paiz. A reacção viria mais tarde e trazendo mais funestas consequencias; a intervenção do meio politico na armada é dos maiores males que presentemente asoberbam essa classe.

O almirante Wandenkolk, primeiro ministro da Marinha no regimen republicano, a seu turno, era, talvez, no momento, mais chefe politico do que director da sua pasta; suas ambições, violentamente despertadas, já não se continham na esphera de sua profissão; assim, não empregou esforços no sentido de desviar seus administrados do novo rumo que tomavam suas preoccupações. Aquellas ambições eram cada vez mais alimentadas pela

popularidade de que gozava; cada subalterno era um novo adepto a catechizar, com intuito de mais facilmente as satisfazer.

A' politica juntou-se o jogo da bolsa; fortunas surgiam colossaes, adquiridas em dias; a febre da jogatina attraía todas as classes: a armada soffreu essa attracção; despertadas ambições até então adormecidas.

Velho lobo do mar, um pouco atrazado a respeito dos progressos de seu myster, o almirante Wandenkolk, acreditava ainda que a melhor escola para o marinheiro moderno, era o cruzeiro em navio a véla; assim, a unica viagem importante realizada durante a sua gestão, foi a da corveta *Nictheroy*, pelo Atlantico do sul, retirada a helice do navio, para que o seu commandante não se servisse da machina, como o havia feito, já, para arribar. Deu-se tambem a da *Guanabara* e do *Aquidaban*, em divisão, aos Estados-Unidos, numa visita de cortezia.

Em geral, porém, a esquadra esteve entregue a uma immobilidade pernicioso num centro onde floresciaam tantas causas que mais contribuiam para afastar o marinheiro da sua profissão.

Desorientadamente, encommendaram-se para a Europa tres navios, todos de inferior valor militar, dessemelhantes e que pouco contribuíam para augmentar o poder da nossa esquadra: *Republica*, *Tiradentes* e *Benjamin Constant*.

Decretou-se a refórma compulsoria, tão mal elaborada e que só produziu resultado no momento, correspondendo a sua adopção a um augmento de quadro, meio de mais firmar a sinceridade das adhesões.

Augmentaram-se os vencimentos e o auxilio ás familias dos que morressem.

Em summa: tendo melhorado as condições de cada individuo apenas, o almirante Wandenkolk, após 14 mezes de administração, deixou a pasta da marinha, sem que nada tivesse feito em prol do engrandecimento da armada; antes, concorrendo para a sua decadencia.

Ao almirante Wandenkolk succeden no ministerio um chefe afastado da politica, sem grupos, gratidões ou rancores: o contra-almirante Foster Vidal. Já a onda das rebelliões, porém, tudo levava de vencida e, após 10 mezes duma apagada, inutil administração, deixava a pasta em virtude da queda do governo em 23 de novembro.

Assumiu, então, o cargo de ministro da Marinha o contra-almirante Custodio José de Mello.

Espirito superiormente educado, quer para a sua profissão, da qual, *pari-passu*, seguia os progressos em seus menores detalhes, quer para a politica geral do paiz, comprehendeu, desde logo, todo o mal resultante para

a armada, dessa ingerencia immediata, directa da classe na politica e da politica na classe; dessa permanencia prolongada, a que já se iam habituando os officiaes, num meio de effervescencia, de corrupção e, simultaneamente, campo propicio á procura de outros mysteres que mais radicalmente desviassem os seus subalternos dos deveres profissionaes. Dotado de largas vistas, de rica cultura, observador, elle apprehendeu logo, com maestria, todos os males que atacavam a marinha de guerra, comprehendendo a necessidade duma refórma profunda, comprehendendo que estavamos a ponto de nos tornar uma potencia naval de nulla importancia. Assim é que, no seu relatorio apresentado em 1892, sobre o quadro dos officiaes da armada, encontram-se os seguintes trechos: «Entretanto, é justamente a pratica que fallece aos nossos officiaes, que aliás dispõem de muita theoria; e, fallece-lhes pratica não propriamente por culpa delles, mas porque lhes falta escola. Com effeito, nem possuímos navios em numero sufficiente, nem fazemos evoluções de esquadra em numero sufficiente, como é de myster, mórmente de torpedeiras, cujas manobras em esquadra não são nada facteis.» «Hoje, mais do que nunca, é preciso que o official de marinha, tenha verdadeira dedicação, amor decidido pela vida do mar...» «Entretanto, sinto profundamente dizer-vos que essa dedicação e elevação de animo, precisas para que o pessoal maritimo possa adquirir as qualidades moraes que exornam o verdadeiro militar, não são observadas tanto quanto é de desejar, em o pessoal superior da nossa marinha de guerra. Ao contrario, nelle tenho notado o maior desanimo e abatimento de espirito, assim como pronunciada tendencia a abandonar a vida activa.» Depois, aponta as causas que a seu ver concorrem para esse effeito: 1.^a «A inacção em que vivem os nossos navios de guerra, constantemente fundeados nos portos»; 2.^a «A injustiça no modo como era costume apreciar-se-lhe o merecimento...»; 3.^a «As novas tabellas de vencimentos...» e 4.^a «Essa febre de jogo alimentada pela larguissima e pernicioso emissão de papel bancario...» «de fórma que, seduzidos ainda pela anrea miragem, muitos officiaes da armada buscam abandonar a carreira...»

«...creando em nossos officiaes uma nova natureza habituando-os a viverem mais no mar do que em terra, fazendo-os, enfim, comprehender a necessidade de uma vida activa consagrada ao serviço da nação, o qual deve sempre antepor-se a qualquer outro.

Não digo que não tenhamos excepções, mas o conjuncto é, na verdade, entristecedor».

Quanto ao pessoal de machinas, que, como já vimos, fôra sempre abandonado pelo Imperio, e cujas aptidões, em conjuncto, tudo deixaram a desejar, encontram-se, nesse relatório, os seguintes trechos: «...pois é sabido que presentemente o corpo de machinistas da armada consta de um pessoal baldado, em geral, da precisa instrução. Uma das grandes necessidades da armada é a reforma deste corpo no sentido de se lhe melhorarem as condições profissionais. O actual Corpo de Machinistas da armada não está na altura da difficil tarefa que hoje incumbe a estes profissionais na marinha de guerra, pois lhes fallece sufficiente instrução; e tal a razão porque as machinas dos navios depressa se estragam, vivendo em constantes reparações. Verdade é que os nossos machinistas navaes pôde-se dizer que não teem escola, visto não merecer tal nome a existente, onde quasi nada se ensina; sendo que alguns ha que nem mesmo sabem esse quasi nada, e são os que nos vieram da marinha mercante...»

Como se vê, sem o prurido de angariar o nome de reorganizador da marinha e muito menos de angariar sympathias, antes até alienando grande numero das que o cercavam, elle atacava a ignorancia e a descrença dos nossos officiaes da armada, e tomando « como parte principal do meu programma administrativo a instrução e educação militar do pessoal da nossa marinha de guerra. » E, a par disto, em seu relatório do anno seguinte, depois de enumerar as medidas de ordem material que concorressem para que se tornassem os nossos officiaes possuidores das qualidades necessarias, dizia, sempre com a largura de vistas que o caracterisava: «E' ainda mistér uma outra; mas esta de ordem moral e dependente de nós mesmos, chefes. E' ella: não abafarmos a liberdade, que considero necessaria ao progresso, na iniciativa dos officiaes, em seu amor proprio, e em sua consciencia, para que elles comprehendam melhor seus deveres e saibam cumpril-os sem abaxar-se, para terem a paz, a culpaveis condescendencias; é preciso que elles trabalhem, sem descanso, para adquirir o direito de ter uma opinião e de defendel-a.»

Para nos furtarmos a outras transcripções, diremos apenas que, ainda em seu relatório de 1892, elle, sem rebuços nem mentiras, examinou minuciosamente o nosso material fluctuante e concluiu pela sua absoluta inefficacia e pela necessidade de reorganisal-o; concluiu pela urgente necessidade da reforma do ensino na Escola Naval, que julgava mal organizada; atacou com proficiencia o problema das nossas guarnições; pediu o augmento e remodelação das escolas

de aprendizes marinheiros e, enfim, com a maior franqueza, patenteou aos olhos do paiz o lastimavel estado em que se encontrava a marinha de guerra.

Veremos como mais tarde outro ministro, por ter-lhe copiado o processo, mas tendo o cuidado de occultar a ignorancia, a ineptia do pessoal do estado maior, antes louvando-o, para comprar-lhe as sympathias, havia de ter manifestação, glorificação e receber o nome de «messias da armada nacional». E, no entanto, aquella ignorancia, aquella ineptia eram taes que a officialidade da armada, em 1892, envergonhar-se-ia si lhe dissessem que iria chegar ao grán a que chegou em 1903.

No relatório de 1893, o almirante Mello comprehendeu o erro de centralizar todos os serviços navaes em mãos do ministro, pedia a criação dum conselho do almirantado e a das prefeituras maritimas, bazeando a necessidade da sua criação em argumentos luminosos e convincentes; bate-se ainda pela reforma da Escola Naval. Quanto aos officiaes de marinha, elle já diz ter colhido alguns resultados, pequenos embóra, o que o faz esperançoso de alcançar seu fim, julgando, porém, necessario diminuir-se o limite da idade compulsoria, afim de que se faça mais rapida a carreira dos officiaes até ao posto de capitão-tenente. Lamenta ainda a ignorancia dos machinistas.

Veamos, porém, o que, fóra dos relatórios, fez o almirante Custodio José de Mello como ministro, na curta gestão que lhe coube, menos de 18 mezes.

Começaremos pelas viagens, que elle achava tão natural que se realizassem, que nem as cita quasi no seu relatório, como titulos de gloria que se teem emprestado os ultimos administradores da marinha.

TONELERO.

XADREZ

3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Tem havido um certo arrefecimento na lucta. O momento decisivo aproxima-se e muitos hesitam em jogar as ultimas partidas. Até ao dia 20, havia 108 partidas jogadas e o resultado era este:

Theophilo Torres	— 10 1/2 em 13
Raul de Castro	— 10
Heitor Bastos	— 10
R. S. Quayle	— 9
Augusto Silva	— 8 1/2
José Piza	— 8
Frota Pessoa	— 8
Henrique Costa	— 7
Tito de Sá	— 7
Quintino Bocayuva	— 5 1/2
Annibal Pereira	— 5 1/2
Ouro Preto	— 5 1/1
W. B. Hentz	— 4 1/2
Godofredo Cunha	— 4

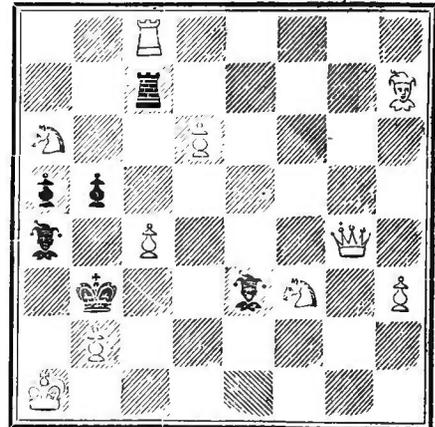
Alvaro de Andrade	— 2	12
Armando Burlamaqui	— 1 1/2	11
Libanio Lins	— 1 1/2	15

Como se vê, os premios devem caber a dois dos seguintes concorrentes: Theophilo Torres, Raul de Castro, Heitor Bastos, R. S. Quayle, José Piza, Henrique Costa, Q. Bocayuva e W. B. Hentz, e mais provavelmente a Theophilo Torres, Raul de Castro, José Piza e Henrique Costa. Os demais concorrentes estão positivamente fóra de combate. Mas entre estes quatro é impossivel prever quaes os vencedores, pois são todos muito fortes.

PROBLEMA N. 24

Ferber

PRETAS (6)



BRANCAS (10)

Male em dois lances

PARTIDA N. 25

(Jogada no torneio do Club dos Diarios)

ABERTURA DO BISPO—DEFESA CLASSICA

Branças (Th. Torres)	Pretas (W. B. Hentz)
P 4 R	— 1 — P 4 R
B 4 B D	— 2 — B 4 B
P 3 B D	— 3 — P 3 D
P 4 D	— 4 — P X P D
P X P	— 5 — B 3 C D
C 3 B R	— 6 — C 3 B R
B 5 C R	— 7 — B 5 C R
D 3 C D	— 8 — Roque
C 2 D	— 9 — C 3 B D
P T R	— 10 — P X P
P X P	— 11 — D 1 R
Roque T R	— 12 — C 2 D
T D 1 R	— 13 — C 4 T D
D 3 B D	— 14 — C X B
C X C	— 15 — D 3 R
C X B	— 16 — C X C
C 4 D	— 17 — D 3 C R
P 4 B R	— 18 — C 4 D
D 3 C R	— 19 — D 3 C D
D 2 B R	— 20 — C 5 C D
D 3 R	— 21 — P 4 B D
D 3 C R	— 22 — P X C
D X B	— 23 — C 7 B D
B 6 B	— 24 — P 3 C
D 5 C	— 25 — P 6 D x d
R 1 T	— 26 — C 5 D
P 5 B R	— 27 — D 5 C D
T 1 D	— 28 — C X P
T X C	— 29 — abandonau

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 22 (F. Reimann): D 4 D.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 23 (Carmen): B 2 R.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.